

IRENE CARMEN PICONE PRESTES

SOBRE A INTERPRETAÇÃO E O CONHECIMENTO:

Um estudo hermenêutico As contribuições da hermenêutica e da psicanálise aos fundamentos do ato interpretativo na relação professor/aluno/conhecimento pela mediação da linguagem

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre Programa
de Pós-Graduação em Educação, Setor de
Educação, Universidade Federal do Paraná

Orientadora Prof^ª Dr^ª Maria Cecília Marins de Oliveira

CURITIBA

1998

IRENE CARMEM PICONE PRESTES

SOBRE A INTERPRETAÇÃO E O CONHECIMENTO

Um estudo hermenêutico As contribuições da hermenêutica e da psicanálise aos fundamentos do ato interpretativo na relação professor/aluno/conhecimento pela mediação da linguagem

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, pela comissão formada pelos professores

Orientadora Prof^a Dr^a Maria Cecília Marins de Oliveira UFPR

Prof MSc José Vicente Augusto das Neves Miranda UFPR

Prof Dr Luiz Carlos Nogueira USP

Curitiba, 21 de agosto de 1998

AGRADECIMENTOS

aos professores Luiz Carlos Nogueira, Maria Tereza Carneiro Soares, José Vicente Miranda e Maria Cecília Marins de Oliveira, pela compreensão, pelo incentivo e por acreditarem nesse meu estudo,

a Maurício Mogilka, por sua escuta competente, por seu entusiasmo e disponibilidade em discutir as idéias aqui apresentadas, essenciais à minha trajetória,

a Valéria Silva Ferreira e Marynelma Camargo Garanhani por me acolherem com amizade em todos os momentos dessa caminhada,

à todos os colegas e amigos por contribuírem de muitas maneiras para a realização desse trabalho,

a CAPES, a UFPR e a Faculdades Integradas Espírita,

SUMÁRIO

RESUMO

RESUMÉ

INTRODUÇÃO	1
1 ACERCA DA INVESTIGAÇÃO HERMENÊUTICA	
1 1 Horizontes Históricos	20
1 2 Pontos Básicos da Investigação Gadameriana	37
1 3 Os Caminhos da Interpretação	42
1 4 A Hermenêutica do símbolo de Paul Ricoeur	48
2 PERCORRENDO A PSICANÁLISE LACANIANA	
2 1 Alguns Aspectos do Pensamento Psicanalítico	54
2 2 Notas Introdutórias sobre a Interpretação Analítica	60
2 3 A Linguagem numa Perspectiva Lacaniana	70
3 CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA E DA PSICANÁLISE	75
3 1 A Linguagem como mediação na interpretação	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

RESUMO

Nesta investigação de caráter teórico, busco compreender o ato interpretativo e o conhecimento em situação escolar e tomo como referência metodológica a investigação dialógica gadameriana em que texto e intérprete constituem horizontes de compreensão que se fundem. Recorro à leitura de textos que clarificam o foco central do meu estudo e que revelam as concepções teóricas e as contribuições do campo da hermenêutica de Gadamer e de Ricoeur e da psicanálise lacaniana, no que estas teorias trazem de fundamentos à interpretação no processo do conhecimento pela mediação da linguagem. Uma das conclusões resultantes deste estudo destaca que nas teorias hermenêutica e psicanalítica o ato interpretativo que o sujeito do inconsciente/da consciência realiza ocupa um lugar privilegiado no processo do conhecimento. Finalmente concluo que separar sujeito do conhecimento do sujeito psíquico só é possível teoricamente, uma vez que na prática das relações educacionais o sujeito que se constrói psiquicamente *que significa* é o mesmo sujeito que conhece e que aprende.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche, à valeur théorique, je cherche à comprendre l'act interprétatif et la connaissance dans une situation scolaire et je prends comme référence méthodologique l'investigation dialogique "gadameriana" dans laquelle le texte et l'interprète constituent des horizons de compréhension qui se fondent. Je fais appel à la lecture de textes qui clarifient le point central de mon étude et qui révèlent les conceptions théoriques et les contributions de l'herméneutique de Gadamer et de Ricoeur et de la psychanalyse de Lacan, dans ce que ces théories apportent des fondements à l'interprétation dans le processus de la connaissance par la médiation du langage. L'une des conclusions résultantes de cette étude montre que, dans les théories herméneutique et psychanalytique, l'act interprétatif que le sujet de l'inconscient/de la conscience accomplit, occupe une place privilégiée dans le processus de la connaissance. Finalement, je conclus qu'il n'est possible que théoriquement, séparer le sujet de la connaissance psychique, une fois que dans la pratique des relations éducationnelles le sujet qu'on construit psychologiquement *que signifie* est le même sujet qu'on connaît et qu'on apprend.

INTRODUÇÃO

No período de minha graduação acadêmica, no curso de Psicologia, alguns conteúdos de disciplinas chamaram-me a atenção, notadamente aqueles relativos às questões que tratavam das relações interpessoais. Daí porque os estudos, concentrados em disciplinas como Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Social e a Psicologia Cognitiva, as quais tiveram para mim particular significado, por tratarem do desenvolvimento, do conhecimento e da compreensão do comportamento humano.

Após a conclusão do meu curso, no decorrer da minha prática profissional como docente de nível superior, psicóloga escolar e psicóloga clínica, no contato entre a teoria e a prática, destinei atenção à inter-relação professor/aluno especialmente ao momento da interpretação¹ intersubjetiva² que o sujeito do conhecimento³ realiza neste encontro professor/aluno, para obter a compreensão, o significado das coisas ao seu redor.

No exercício das minhas funções dentro da escola, o encontro professor/aluno fez-me indagar a respeito da formação didático-pedagógica do professor, tendo em vista os procedimentos pedagógicos em sala de aula serem, na maioria das vezes, extremamente técnicos, tornando-se o professor um mero instrumentador de técnicas de ensino eficientes.

Esta utilização restritiva das técnicas de ensino, na pretensão de um ensino de qualidade, não garante por si só os resultados satisfatórios de

¹ *Interpretação* este termo é entendido neste estudo como um elemento intrínseco a pessoa, como *ato interpretativo* que envolve num dado momento o texto e o intérprete para a emergência do conhecimento.

² *Intersubjetivo* neste estudo, considera-se que intersubjetividade quer dizer que o sujeito se constitui necessariamente através da interação com outro sujeito e que com ele se relaciona.

aprendizagem e nem tão pouco resolvem os complexos problemas do campo relacional professor/aluno, pois esses problemas ultrapassam a esfera da tecnicidade. Desconsideram, desse modo, o resultado das relações interpessoais para esse processo que se estabelece entre sujeitos do conhecimento, num tempo e num espaço específico.

O emprego de técnicas pedagógicas com o objetivo de se alcançar resultados satisfatórios na aprendizagem foi uma prática incentivada por estudiosos e considerada por eles como imprescindível ao ensino. Segundo EISNER

Desde principios de los años sesenta, los expertos norteamericanos en educación, sobre todo los que pertenecen a las ramas conductivistas de la psicología, se han interesado especialmente en poner los medios para controlar y medir la conducta del alumno. Si pudieran diseñarse o “descubrirse” tales medios, sería posible lograr en la educación los mismos resultados que se obtienen en ciertas ramas de la medicina y en muchas de la ingeniería. En efecto, con frecuencia los tecnólogos de la educación utilizan la medicina y la ingeniería como campos paradigmáticos, y términos tales como “prescripción”, “diagnóstico”, “comportamiento de entrada” y “habilidades de salida” se oyen con frecuencia en el discurso sobre la enseñanza.

(EISNER, 1994: 27)

Conforme as considerações do autor, ainda em dias modernos, constata-se nos ambientes escolares a grande preocupação dos professores em atenderem aos aspectos técnicos, não se quer dizer entretanto, que atender a tais procedimentos seja incorreto, isso também se verifica quando analisamos a regulamentação do ensino como se observa nas palavras de PEDRA

³ *Sujeito do conhecimento* aqui este termo é tomado desde o vies fenomenológico-hermenêutico e é aquele que “lê” a partir de suas experiências vividas, portanto, consciente, e da ordem do EU, sujeito da sua relação com o objeto, assim, *sujeito da consciência*

() o professor, enquanto profissional em sala de aula, tem suas alternativas de escolha do conteúdo e do tempo que a ele deve ser dedicado pelos ordenamentos jurídicos (Leis, Decretos, Resoluções, Deliberações) que balizam, ou põem limites, à sua liberdade de escolha

(PEDRA,1993 95)

O domínio do conteúdo a ser transmitido pelo professor, bem como a busca de estratégias que viabilizem em situação concreta, o processo ensino-aprendizagem e a construção do conhecimento pelo aluno, constituem suportes fundamentais para a proposta pedagógica. O professor na sua prática pedagógica, de acordo com DAVIS & OLIVEIRA (1994), deve considerar as experiências de vida e as características psicológicas e socioculturais dos alunos, buscando a adequação didático-pedagógica para sua clientela. Quanto mais informações tiver sobre o processo de aprendizagem dos conteúdos escolares, maiores serão as chances de melhoria das práticas pedagógicas.

Assim sendo, se o professor preocupa-se apenas com as técnicas a serem utilizadas, com os ordenamentos jurídicos e os resultados a serem atingidos, está sua prática pedagógica marcada por uma suposta posição de neutralidade, nega a importância da intersubjetividade na relação professor/aluno. Conforme o texto de PEDRA (1993), o professor é detentor de um conhecimento que não é interpretado na neutralidade, sua história pessoal, suas crenças e suas representações atuam como *filtros interpretativos* que dão direção e sentido ao conhecimento que transmite.

Nesse contexto, ocorre a existência de um universo que envolve a inter-relação professor/aluno e que, direta ou indiretamente, influencia e

desencadeia efeitos na sua subjetividade⁴ Na educação escolar temos presentes dois sujeitos do conhecimento que ocupam posições subjetivas específicas, próprias e particulares, como efeito das suas histórias E é por meio da fala que o sujeito do conhecimento se apresenta a partir desta inter-relação realizada na rede cultural pela linguagem No circuito da interlocução estabelecida, há um saber que é apropriado pelo professor e um entendimento pelo aluno, do qual decorre sua interpretação sobre o que é transmitido pelo professor

Essa inter-relação, segundo SNYDERS (1995), comporta para o aluno dois aspectos complementares - e a conciliação não é fácil De um lado, o respeito à sua personalidade, de outro, a ajuda para formar sua personalidade Daí, a importância do questionamento *o que fundamenta o desejo de saber do aluno?* Tal questionamento é salientado por FILLOUX (1986), quando aborda a temática da psicanálise e da educação, dizendo ser a escola lugar institucional de transmissão de saberes que está apoiada na atividade intelectual do aluno

Tem-se que o modo como o professor exerce sua atividade educacional, o conhecimento que adquiriu, sua postura e estilo⁵ de trabalho são o resultado da apropriação subjetiva que ele fez das trocas que estabeleceu ao longo do seu percurso familiar, escolar e profissional Essa apropriação de diferentes coisas em função de seus interesses, valores, cultura, crença, experiências e história de vida é fator determinante para o seu

⁴ *Subjetividade* aqui este termo refere-se ao que é da ordem da subjetividade indicando uma relação essencial ao sujeito Trata-se na investigação filosófica da propriedade constitutiva do fenômeno psíquico do sujeito pensante

⁵ *Estilo* neste estudo, para este termo, considera-se a referência psicanalítica, a qual, entende que o estilo é o que produz a construção e a transmissão do conhecimento através da transferência O estilo carrega em si o discurso que estabelece os laços entre as pessoas

comportamento MOLLO (1978), afirma que as representações que alunos e professores fazem, reciprocamente, de si e do outro conduzem às suas relações pedagógicas

No decorrer de meus estudos, vejo que minhas questões são pertinentes ao campo da educação e ao cenário da sala de aula, onde professor e aluno encontram-se e relacionam-se. É o currículo que percebo como elemento de sustentação formal desta relação, embora não tenha a pretensão neste estudo de investigar o currículo formal. Assim, entendo que o estilo do professor reflete o modo como ele interpreta o conhecimento, o qual será transmitido para o aluno. Portanto, pode-se pensar que é o modo como ele articula o currículo, entendido como *currere*, isto é, aquilo que foi vivido pelo sujeito do conhecimento, ou seja, sua história de vida.

Cabe aqui entretanto, mencionar o trabalho de NILCÉIA PEDRA (1977), a respeito das definições de currículo, segundo o significado particular que ele adquire para cada um dos vários autores. Apesar do grande número de definições, estas não esgotam completamente o sentido do termo currículo que é mais complexo. A complexidade do termo currículo não se esgota com o grande número de definições, porquanto considera ainda N PEDRA (1996), que a rigor, o currículo não está escrito, concretiza-se na sala de aula e em cada aluno, sempre que ocorre a educação sistemática.

Compreendo, genericamente, a estrutura curricular como sendo a diretriz, o eixo de sustentação que rege a educação escolar. De acordo com KELLY (1981), é exatamente por isso que, por muito que se martele na estrutura do sistema, na estrutura do ensino, na organização das escolas ou na

relação de métodos a serem usados, nada disso terá mais que um efeito periférico, a menos que se faça acompanhar da reconcepção da real substância do ensino, vale dizer, do próprio currículo

Esta temática também tem sido explorada por PEDRA (1977) que destaca serem as definições do termo currículo produções humanas e, como tais, carregam as marcas do tempo e dos espaços sociais de suas construções. Em outro texto, PEDRA (1993: 40) afirma também que “() se não há um consenso definidor, se cada autor ou tendência teórica enfatiza este ou aquele aspecto da educação, todos, entretanto, estão de acordo com que o currículo é um modo pelo qual a cultura é representada e reproduzida no cotidiano das instituições escolares”

Essas considerações, suponho aproximam-se do pensamento de APPLE (1982), referente ao currículo oculto, aquilo que existe por detrás do currículo aparente, ou seja, as normas, valores e crenças que estão implícitos além da linguagem e são efetivamente transmitidos pelas escolas e, habitualmente, não são mencionados pelos professores na apresentação dos fins ou objetivos educacionais

Na mesma direção, aponta o psicanalista MILLOT (1987), dizendo que nenhuma teoria pedagógica permite que se calculem e se garantam os efeitos dos métodos postos em ação, pois o que se interpõe entre a medida pedagógica e os resultados que se obtêm é o inconsciente⁶ do professor e do seu aluno. Frequentemente na educação, agimos com nosso inconsciente, nós não sabemos o que estamos fazendo. Quando o professor acredita estar

atingindo o EU (consciente) do aluno, é à sua revelia, o inconsciente desse aluno que está na verdade sendo atingido

O inconsciente está entremeado em nossa linguagem, afirma a psicanalista KUPFER (1989), por exemplo, nos lapsos, e a dirige sem que disso se possa ter conhecimento (consciente) Toda a pessoa que fala está, por assim dizer, comprometida com o que diz, num limite que ultrapassa a sua consciência Alguém que fala pode expressar muito mais do que está procurando dizer

De acordo com a psicanálise lacaniana “o campo que permite tornar operatória a pedagogia de um lado e a psicanálise de outro, é o campo da linguagem” CIACCIA (1997 19) O mesmo autor coloca-nos que é no interior do campo do simbólico, entendido como o campo da linguagem, que a comunicação humana é possível, sendo sempre uma comunicação equívoca

A compreensão do campo psicanalítico, conforme coloca BIRMAN (1977), constitui-se a partir da escuta do sujeito⁷ do inconsciente que fala para um outro⁸ sujeito e que pede o seu reconhecimento Nesse campo realiza-se a escuta interpretante de uma história desejante, que delimita o campo da prática psicanalítica

⁶ *Inconsciente* este termo é entendido segundo a referência psicanalítica lacaniana como sendo o discurso do Outro

⁷ *Sujeito do inconsciente* este termo neste momento e aqui apresentado segundo a referência psicanalítica lacaniana E o ser humano, submetido as leis da linguagem que o constitui, portanto, o que importa é o sujeito, sendo ele determinado por um discurso, o qual, dá a existência ao sujeito no campo da palavra, o sujeito é aquele que faz referência ao campo do desejo da sexualidade enquanto significante ao nível da linguagem, ainda mais, ele não é mestre do sentido das palavras que emprega na ordem social

⁸ *outro* na psicanálise lacaniana é o lugar de miragem do olhar do sujeito o qual a partir das identificações especulares designa o seu semelhante, as representações do eu e a sua imagem de si mesmo

Seguindo a referência da teoria psicanalítica lacaniana, basicamente tem-se que o educador exerce seu poder mediante a linguagem, ou seja, é por meio da palavra que visa comunicar alguma coisa. Seu esforço concentra-se na tentativa de estimular pelo discurso à consciência, o aluno a se conduzir numa direção determinada pelo professor, e mais, a atividade do inconsciente ensina que a palavra escapa ao falante, pois, ao falar, o professor estará fadado a se perder, a se revelar, a ir na direção contrária daquela que seu EU (consciente) havia determinado. Desse modo nos lembra MELMANN (1994: 34) “as crianças em geral têm um ouvido psicanalítico bastante fino, pois o que nós lhes transmitimos é antes de mais nada o nosso inconsciente, e exatamente isso que elas ouvem”. Pode-se assim compreender que a palavra com a qual o professor espera submeter, acaba por submetê-lo à realidade de seu próprio desejo inconsciente. A palavra tomada pelo viés psicanalítico é ao mesmo tempo lugar de poder e submissão, de força e de fraqueza, de controle e de descontrole.

Nessa trajetória, focalizo o ser humano sob o ponto de vista de um ser que compreende o mundo que o rodeia e interpreta-o a partir das suas experiências passadas. Desse modo, como investigadora não tenho a pretensão de analisar o fenômeno da interpretação como uma espectadora neutra, mas sim, considerando a minha experiência vivida e, em especial, a influência do pensamento psicanalítico na trajetória deste estudo e suas possíveis contribuições. Tanto por isso, procurei realizar meus estudos visando o campo relacional entre sujeitos do conhecimento.

Daí porque se faz necessária a reflexão hermenêutica, que exige no exercício da sua tarefa, um constante entregar-se dialogicamente ao sentido

do texto, conforme o dizer de GADAMER (1992 336), “não pressupõe nem *neutralidade* frente às coisas nem tampouco autocancelamento, senão que inclui uma matizada incorporação das próprias opiniões prévias e prejuízos”

Assim, por acreditar que toda relação humana, todo encontro entre professor/aluno pressupõe um campo de interpretação intersubjetiva e que tem efeitos sobre o conhecimento, apresento a questão que norteia esse estudo *como a hermenêutica filosófica de Gadamer, a hermenêutica do símbolo de Ricoeur e a psicanálise lacaniana podem nos auxiliar a compreender a importância do ato interpretativo no processo do conhecimento em situação escolar?*

É importante ressaltar que o meu contato e minha identificação com a teoria hermenêutica, que genericamente trata da compreensão interpretativa de textos, teve início no mestrado, com o mérito de transformar meu modo de compreensão como pessoa e como investigadora no percurso deste estudo. Tomar a hermenêutica como via de investigação implica o movimento dialógico de compreensão como a possibilidade de ver o texto e de me ver no texto, num *desdobramento* de mim mesma, de não se poder separar o *EU* intersubjetivo do *texto que leio*. Acredito, assim, que é na inter-relação entre a investigadora (intérprete) e o texto (objeto da investigação) que o conhecimento vai se produzir e se transformar. Isso se confirma com o que diz Gadamer, “o processo de compreensão como sendo aquele em que o *objeto* faz parte do eu e em que ambos se desenvolvem no decurso do conhecimento” (BLEICHER, 1980 157)

É importante o significado do termo *texto* neste estudo Segundo GARCIA, o texto pode ser entendido como

O termo “texto” () além de identificar um registro literário, discurso, mensagem escrita, conceito ou teoria, esse termo será utilizado para designar uma experiência ou perspectiva da consciência, que se expressa sob diversas formas, seja na forma de um texto, ou que pode ser lido como um “texto”

(GARCIA,1995 4)

Assim, a hermenêutica considera o seu objeto de interpretação – o *texto* numa acepção ampla que ultrapassa o texto escrito, documental, havendo outros tipos de leituras possíveis, como a de um sonho, de um relato de experiência, de um sintoma neurótico, de uma obra de arte, de uma crença religiosa, etc De acordo com FRANCO (1995 25) “não há texto sem leitura”

No entender de Schleiermacher, hermenêutica é a arte da compreensão, uma arte que não visa o saber teórico, mas o seu uso prático, a técnica da boa interpretação de um texto falado ou escrito Por seu turno, RICOEUR (1977 19) entende por hermenêutica a interpretação de um texto singular ou de um conjunto de signos suscetível de ser considerado como um texto Assim, assumo uma postura investigativa que tem por base a hermenêutica, tomada como direção, estilo e atitude interpretativa e compreensiva, que conduz meus passos no estudo que apresento E desse modo que encontro ressonância para minhas inquietações enquanto investigadora participante do processo investigativo que realizo

A hermenêutica aqui escolhida é aquela fundamentada na fenomenologia, que é o estudo do fenômeno, cujo movimento filosófico está ligado ao nome de Edmund Husserl. Para ele, a fenomenologia transcendental faz às vezes da ontologia, o sentido do ser e o do fenômeno não podem ser dissociados. A fenomenologia, cuja abordagem descritiva focaliza as estruturas da experiência, os princípios organizadores que dão forma e significado à experiência humana, procura compreender o significado, embora a sua compreensão seja mais do que a necessidade de explicá-lo. Toda a explicação reduz e mutila o fenômeno. A descrição fenomenológica, por sua vez, visa o fenômeno tal como ele se apresenta à consciência, e a relação do ser com o mundo é o ponto de partida do método fenomenológico.

Nesse sentido, cabe salientar que a análise interpretativa que me propus realizar fundamenta-se em dois campos do saber: o da hermenêutica e da psicanálise lacaniana. Procurei focalizar o encontro entre pessoas, particularmente professor/aluno, no qual se produz o conhecimento, por suas relações interpessoais. Vale lembrar que, esse encontro se realiza em qualquer momento do desenvolvimento da pessoa e, de maneira geral, ocorre no percurso da vida do ser humano.

Todavia, tenho que enfatizar que a escola é o espaço privilegiado, como diz PEDRA (1993), pois é no espaço escolar que se apresentam as condições mais favoráveis para a construção do conhecimento, onde as relações de poder e conhecimento se reencontram e tomam novos significados.

Com base no enfoque central desse estudo e nas considerações apresentadas, decorrem os objetivos específicos traçados que orientam este processo investigativo. São eles:

1-Buscar compreender como funciona o ato interpretativo no campo relacional professor/aluno em situação escolar

2-Investigar alguns conceitos dos campos da hermenêutica filosófica de Gadamer, a hermenêutica do símbolo de Ricoeur e da psicanálise lacaniana na tentativa de articulá-los ao ato interpretativo que o sujeito do conhecimento realiza

3-Discorrer sobre algumas contribuições das teorias hermenêutica e psicanalítica, com relação à interpretação presente no encontro professor/aluno pela mediação da linguagem

Desse modo, apresento uma perspectiva teórica embasada nos pressupostos da filosofia hermenêutica contemporânea, que, aparece como suporte teórico e investigativo, o qual possibilita a complementação do meu processo conhecedor, também, como busca de sentido e possibilidade de recuperação do intersubjetivo no processo do conhecimento

A relação professor/aluno é uma relação de transmissão e construção do conhecimento que se dá pelo fio condutor da linguagem, função simbólica, a qual implica a interpretação como elemento intrínseco nesse campo relacional. Tal consideração fundamenta-se no pressuposto da hermenêutica ricoeuriana (1977: 26) que diz “todo *mythos* comporta um *logos* latente que exige ser manifestado: não há símbolo sem um início de interpretação”. Com isso se verifica que a interpretação pertence

organicamente ao pensamento simbólico “O símbolo é, no sentido grego do termo, um enigma () que não bloqueia a inteligência, mas a provoca () a desimplicar no símbolo” (RICOEUR,1977 26)

Nessa perspectiva, buscar compreender como os ser humano conhece é necessário e imprescindível para a condução do ensino, pois as pessoas, em relação, *interpretam*, tomam posições subjetivas frente ao texto que é exposto Tal interpretação depende da posição subjetiva da pessoa, ou melhor, depende do seu horizonte de compreensão, nesse caso, do horizonte de compreensão do professor e o do aluno Desse modo é que procuro apoio teórico na abordagem hermenêutica, tendo em vista que a compreensão se efetua num universo mais amplo

O reconhecimento de que a pessoa *interpreta*, segundo a hermenêutica gadameriana (1992) é explicado pela natureza mesma do conhecer que é traduzido como interpretar, significando, que o conhecer terá infinitas possibilidades de interpretações “Conhecer é interpretar, fenômeno que acontece na própria linguisticidade que fundamenta qualquer *verbum* mental ou expresso como evento histórico” (GADAMER,1983 13) e RICOEUR (1978) afirma que há uma multiplicidade de interpretações, um verdadeiro *conflito de interpretações*

Retomando minha observação inicial sobre o cotidiano escolar da relação professor/aluno, e esta é uma suposição básica do estudo que estou propondo, a interpretação do sujeito da consciência emerge nesta relação Percebe-se por exemplo, que em alguns momentos, o aluno não corresponde às expectativas do professor, pois não há disciplina, não há rendimento escolar, em razão do seu desinteresse pelo conhecer É quando algo pode vir a

falhar, *algo escapa* nessa relação. Duas podem ser as formas de abordar a questão: ou é o professor que não está em condições de atrair atenção do aluno, ou é o aluno que não corresponde a nenhum tipo de estímulo. Ainda, uma terceira suposição pode ser levantada: há uma carga de responsabilidade equilibrada de ambas as partes.

Diante de situações como estas e do que é exposto até aqui, algumas hipóteses podem ser levantadas para essa investigação:

1-As teorias hermenêutica gadameriana e ricoeuriana e a teoria psicanalítica lacaniana são adequados referenciais de análise para as questões da interpretação e do conhecimento nos processos escolares.

2-O discurso hermenêutico gadameriano e ricoeuriano e o discurso psicanalítico lacaniano como são tomados nessa dissertação, podem contribuir para o desenvolvimento da teorização sobre as práticas pedagógicas e considerando às especificidades e os pressupostos destas referências, ajudar esta teorização a incorporar novos temas nessa análise, tais como o inconsciente, o sujeito, a interpretação e a linguagem.

3-O ato interpretativo é condição essencial mas não suficiente para que ocorra o conhecimento em situação escolar. Tal ato interpretativo para se dar, pressupõe dois horizontes de compreensão, o do professor e o do aluno, (Gadamer, 1969) numa fusão de horizontes.

É, em situações como essas, que a abordagem hermenêutica gadameriana aparece para expor as consequências de um conhecimento que acontece a partir de um *horizonte de compreensão*, entendido como o espaço no qual a pessoa se expõe a si mesma, pressupondo um entregar-se ao outro,

ao texto, ao diálogo, na busca do sentido que se estabelece como resultado do encontro entre *sujeitos do conhecimento*

Nesse encontro entre sujeitos do conhecimento, constata-se a presença da intersubjetividade em todas as relações humanas, incluindo-se nelas a relação professor/aluno. A interferência da intersubjetividade no processo ensino-aprendizagem é inevitável e não pode ser, portanto, ignorada. De acordo com KUPFER (1989: 84), “aprender é aprender com alguém. O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. Não há ensino sem professor”

Procuro focalizar, no campo da subjetividade, a interpretação que o sujeito do conhecimento realiza nas relações que estabelece, entendendo que só é possível compreender o significado amplo de um fenômeno quando este é examinado no seu modo específico de manifestar-se. As questões que desenvolvo neste estudo não são novas, sobretudo pelas leituras realizadas acerca da práxis educacional, a qual verifico serem preocupações já apontadas por inúmeros estudiosos. Entretanto, embora reconheça o alto valor desses estudos, a investigação que realizo fundamenta-se na teoria hermenêutica filosófica de Gadamer, na hermenêutica do símbolo de Ricoeur e nas contribuições da teoria psicanalítica lacaniana. Busco com essas leituras contribuir para uma outra visada de compreensão ao campo da teorização pedagógica. Recorro, na revisão de literatura, às referências teóricas em autores ligados à hermenêutica contemporânea, como Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur, especialmente, o texto de Ricoeur, *Problemática situação de Freud* (in Ricoeur, 1977: 13-55). Em seguida, autores da psicanálise de linha francesa, particularmente a de Lacan, quando tratam de descrever os

processos linguísticos, bem como Maria Cristina Kupfer, Alfredo Jerusalinski e Joel Birman, que são psicanalistas de orientação lacaniana implicados com as questões educacionais, entre outros

Assim, procuro seguir na leitura destes textos para clarificar e ampliar meu horizonte de compreensão. Acompanhado, necessariamente, de uma auto-reflexão, pois sempre me vejo fazendo parte do *universo social* que tenho investigado. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e contempla como via de investigação a hermenêutica, mantendo o diálogo constante entre a investigadora e o texto.

Meu trabalho consta de quatro passos. No primeiro, a introdução, apresento os caminhos que percorri e que me conduziram à delimitação desse meu estudo, bem como apresento meu problema e minha escolha metodológica.

No segundo passo, apresento breve contextualização histórica da teoria hermenêutica, destacando a contribuição de estudiosos e pesquisadores, e também os conceitos básicos da investigação hermenêutica que realizo.

No terceiro passo procuro destacar as contribuições da psicanálise lacaniana para o processo do conhecimento que realiza o sujeito do inconsciente.

No quarto passo, a partir das considerações apresentadas, abordo questões referentes à mediação da linguagem no campo relacional professor/aluno e algumas das possíveis contribuições da hermenêutica de Gadamer, de Ricoeur e da psicanálise lacaniana ao referido campo. Como reflexão final apresento argumentos, que procuram mostrar pontos a serem

considerados no ato interpretativo que realizam os sujeitos do conhecimento em questão, o professor e o aluno

ACERCA DA INVESTIGAÇÃO HERMENÊUTICA

1.1 HORIZONTES HISTÓRICOS

No percurso das minhas reflexões, busco a compreensão da Teoria Hermenêutica, recorrendo aos autores, na tentativa de retratar o seu desenvolvimento. Num primeiro momento, apresento a definição de hermenêutica, segundo RICOEUR (1977), como sendo, o “estudo da compreensão” (PALMER, 1969: 19). Tenho que considerar que o desenvolvimento da discussão hermenêutica não nasceu na modernidade, porquanto remete-nos a um antigo problema oriundo do século XVII, ainda que de outro modo e sob outros pontos de vista.

As origens históricas do conceito de interpretação decorrem inicialmente de Aristóteles em sua obra **Organon**, o livro II denominado **Peri Hermeneias** - Da Interpretação - e também da exegese bíblica. Na noção aristotélica de interpretação, a *hermeneia*, em seu sentido completo, é a significação da frase. É a frase suscetível do verdadeiro e do falso, isto é, a proposição declarativa cuja forma primeira é a afirmação que *diz algo de alguma coisa*. A interpretação está presente em todo o som emitido pela voz *semântica* – a palavra significante – é interpretação.

Conforme BLEICHER (1980: 327) “o problema hermenêutico foi levantado, pela primeira vez, dentro dos limites da exegese, dentro da estrutura de uma disciplina que propõe compreender um texto a partir da sua intenção e com base no que procura dizer”. A Teoria Hermenêutica, como ciência das regras da exegese, constitui-se na interpretação particular de um

texto, primeiramente empregada como atividade de interpretação teológica, tendo como objeto de interpretação os textos sagrados, para em seguida interpretar textos literários e históricos. A primeira denominação, como título de livro **Hermenêutica**, procede do ano de 1654, por J Dannhauser. Outro campo de interesse da hermenêutica é o da jurisprudência, referente aos textos jurídicos. Mas, é no campo da teologia, principalmente, que se desenvolve a discussão mais exasperada acerca da interpretação, ou seja, da compreensão adequada de textos. Com isso surge algo como a hermenêutica teológica, tendo como exemplo, a obra **Da Doutrina Cristã**, de Santo Agostinho. Numa tarefa exegética analisa a razão por que o Antigo Testamento não constitui, em todo o seu conteúdo, um reflexo imediato ou uma prefiguração tipológica da mensagem de redenção cristã. De modo similar ao que acontece com o Antigo Testamento, em relação ao cristianismo primitivo, na época da Reforma de Lutero (1580), toda a sagrada escritura é objeto de um esforço hermenêutico. Põe-se em movimento uma reflexão hermenêutica (GADAMER, 1983).

A hermenêutica teológica, por um lado, apresenta afinidades com a hermenêutica-filológica, considerando a preocupação em primeiro lugar, de tratar e compreender os textos da Sagrada Escritura como testemunhos literários históricos, assim como outros textos escritos do mesmo gênero. Por outro lado, a hermenêutica teológica apresenta certo parentesco com a hermenêutica jurídica, quando ambas tratam de textos que falam normativamente, e, neste sentido, são apresentados ao intérprete, para serem compreendidos e expostos em todos os seus detalhes com esse caráter. Depara-se-nos assim, um horizonte mais vasto, em que se insere o problema

bíblico, embora ele ocupe uma posição singular, enquanto se trata de Deus. A mensagem é transmitida numa palavra humana e histórica, porquanto se trata de escritos elaborados por homens, surgidos na história e transmitidos por ela, devendo, portanto, serem investigados conforme sua dimensão histórica, seu modo de pensar histórico e sua maneira de falar. Ao mesmo tempo, porém, cumpre indagar qual seu sentido mais profundo e mais próprio, a saber, a palavra da revelação divina, que neles nos fala. Como se observa em dias atuais, cumpre enquadrar o problema hermenêutico da teologia num amplo contexto das ciências do espírito, fundamentado nos pressupostos teórico-científicos, metodológicos e também filosóficos, manifestados por Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e aprofundados por Gadamer.

Na época moderna, século XV e século XVIII, evidencia-se na reflexão hermenêutica a discussão da correta interpretação. Considerando, o contexto histórico no momento da Reforma Cristã alemã, quando vigora um novo princípio hermenêutico — o da possibilidade de questionar a autoridade. Assim expressa STEIN (1987: 85) “a tradução de Lutero é diferente e inovadora, não porque abriu a Bíblia para as línguas vivas e contemporâneas, mas porque a rege um novo princípio hermenêutico, onde atua liberdade e subjetividade”. Seguindo a proposição de Lutero, a Bíblia deve ser compreendida por si mesma, ela é *intérprete de si mesma*, é a volta à pura palavra da Escritura Sagrada. “Lutero abrindo o livro dos livros pela livre interpretação, inaugura condições novas e definitivas para a ciência que acompanha a leitura *a hermenêutica*” (STEIN, 1987: 80).

Pode-se concluir, então, pela referência de BLEICHER que

a percepção de que as expressões humanas contém uma componente significativa, que tem de ser reconhecida como tal por um sujeito e transposta para o seu próprio sistema de valores e significados, deu origem ao “problema da hermenêutica” *saber como é possível este processo e como tornar objetivas as descrições de sentido subjetivamente intencional, tendo em conta o fato de passarem pela subjetividade do próprio intérprete*

(BLEICHER,1980 13)⁹

Segundo PALMER (1969 19-21), “a hermenêutica chega à sua dimensão mais autêntica quando deixa de ser um conjunto de artifícios e de técnicas de explicação de texto e quando tenta ver o problema hermenêutico dentro do horizonte da própria interpretação”

O problema torna-se outra vez mais agudo, ainda que em sentido oposto, pelo pensamento Iluminista (CORETH,1973), compreendido como o movimento filosófico, literário e político que visa combater o absolutismo, a influência da Igreja e da tradição, considerando a razão como único meio para se atingir a completa sabedoria. Dessa forma, as idéias modernas tomam fôlego e se expandem a confiança na razão é acompanhada por um crescente espírito crítico.

John Locke, no século XVIII mostra a tendência em reduzir o cristianismo ao plano de uma religião da razão natural e excluir todo o caráter de revelação sobrenatural e de mistério. De acordo com isso, também a Bíblia deve ser entendida apenas no sentido de uma pura religião racional, excluindo-se o que ultrapassa essa ideia

Torna-se então princípio hermenêutico o que se aprende e se esclarece racionalmente (CORETH,1973)

Etimologicamente, a palavra hermenêutica, deriva de Hermes, deus da mitologia grega que intervém como mensageiro e autoridade divina de mediação interpretativa entre o Homem e Deus (PALMER,1969) Considera-se desse modo, que a hermenêutica tem duas tarefas “uma determinar o conteúdo do significado exato de uma palavra, frase, texto, etc , outra, descobrir as instruções contidas em formas simbólicas” (BLEICHER,1980 23)

Percorrendo agora o viés linguístico, o termo hermenêutica reporta-se à sua raiz grega que significa declarar, anunciar, interpretar, esclarecer e por último traduzir () alguma coisa é *tornada compreensível* ou *levada à compreensão* Isso acontece em qualquer enunciado, seja ele, texto bíblico, histórico ou literário, que pretenda despertar uma compreensão tornando algo inteligível, trazendo à luz o *sentido* próprio do enunciado (CORETH,1973)

Posto isto, acredito que leva-me a supor que, tal coisa ocorra na tradução de um texto, visto que toda tradução consiste na transposição de um complexo significativo para outro horizonte de compreensão linguística

Em GADAMER (1983 61) encontro que, “a hermenêutica como teoria da interpretação pode designar uma capacidade natural do homem, isto é, a capacidade de um contato compreensivo com os homens”, como um modo de ser, como disposição natural do ser humano, assim, o indivíduo está constantemente interpretando o mundo “A interpretação é, portanto, talvez o ato essencial do pensamento humano, na verdade, o próprio fato de existir

⁹ O trecho grifado por mim é importante por delimitar o problema hermenêutico

pode ser considerado como um processo constante de interpretação” (PALMER, 1969 20)

Por conseguinte, permito-me dizer que a hermenêutica vai além da simples técnica de especialistas, ou seja, a dos intérpretes de oráculo, pois coloca em jogo o problema geral da compreensão do texto pelo intérprete

Caminhando para uma das concepções mais fecundas da moderna hermenêutica lembro o que cita GADAMER (1983), que todo o enunciado deve ser considerado como uma resposta a uma pergunta e que a única via para entendê-lo consiste em fazer a pergunta da qual esse enunciado é uma resposta

Minha intenção ao buscar reconstituir brevemente o contexto histórico e cultural do desenvolvimento da Teoria Hermenêutica é tentar mostrar que todo o seu percurso é polêmico. Nessa caminhada pela via hermenêutica, percebo a pluralidade das correntes chamadas hermenêuticas que podem ser tomadas para explorar o *problema hermenêutico*, e que esta carregada de associações desde as suas raízes gregas até o seu uso no pensamento contemporâneo

Essa problemática pode ser vista, no interior da hermenêutica, a partir dos debates teóricos que expressam concepções diferentes da dimensão hermenêutica. Desde a sua inserção nos trabalhos de Friedrich Schleiermacher (1768-1834), seguidos por Wilhelm Dilthey (1833-1911), passando para a hermenêutica contemporânea com os estudos dos filósofos, Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976), Hans Georg-Gadamer (1900-), Emilio Betti (1890-1969), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Paul Ricoeur (1913-), com esses autores o cenário da Teoria Hermenêutica foi ampliado,

e essas diferentes concepções buscaram reconhecer o horizonte no qual se articulam como um princípio da própria hermenêutica

Nessa retrospectiva histórica retomo os movimentos filosóficos, primeiramente, com a hermenêutica filosófico-romântica de Friedrich Schleiermacher (1768-1834) Em seu estudo a arte da interpretação atinge o seu ponto máximo quando se ocupa com o problema da superação da distância no processo de interpretação, formulando um sistema de normas interpretativas para a tarefa hermenêutica compreender o outro Ele lança uma forma de questionar as condições da possibilidade “da interpretação válida e uma nova concepção do processo de compreensão” (BLEICHER,1980 27) Sua abordagem sobre a hermenêutica introduz considerações epistemológicas e metodológicas à compreensão Em Schleiermacher a compreensão apoia-se na “afirmação filosófica da identidade das realidades internas de modo que ao compreendermos vibramos em uníssono com quem fala, à medida que vamos compreendendo a compreensão tanto envolve fases comparativas como divinatórias” (PALMER,1969 135)

Encontro na investigação hermenêutica de Schleiermacher o destaque para o papel da linguagem “tudo o que necessita de uma maior determinação num contexto só pode ser determinado por referência ao campo da linguagem partilhado pelo autor e pelo seu público inicial e o significado de cada palavra num dado passo tem de ser determinado por referência à sua coexistência com as palavras que a rodeiam” (BLEICHER,1980 28)

A tônica da linguisticidade da compreensão, é marca da hermenêutica de Schleiermacher e também deixa antever que no futuro a linguagem constituirá tema das discussões hermenêuticas

O conceito schleiermacheriano de *círculo hermenêutico* decorre da articulação do todo e das suas partes, considerando que só se tem a interpretação de um texto se se consegue a compreensão de suas partes de seus elementos constituintes, num movimento dialético entre o horizonte e a realização da compreensão, entre a pré-compreensão e a compreensão do conteúdo, em que esta localizada toda a experiência humana

A importância de Schleiermacher, na história da hermenêutica, reside principalmente no impulso que deu ao pensamento de Wilhem Dilthey (1833-1911), que se preocupa em formar um estilo interpretativo suficientemente rigoroso para ser capaz de concorrer com o estilo positivista das ciências naturais. A Teoria Hermenêutica, como epistemologia e metodologia da compreensão é desenvolvida por Dilthey no início desse século. Sua contribuição é importante no que se refere ao “caráter histórico do homem e da sociedade e à historicidade do conhecimento” (BLEICHER, 1980 41)

Na abordagem da hermenêutica histórica, Dilthey demonstra que a própria razão assenta na Vida, entendida como força produtiva partilhada por toda a humanidade. A compreensão humana, é em última instância uma *categoria de vida*. Ele valoriza como “componentes vitais da existência do homem o sentimento e o desejo de ação” (BLEICHER, 1980 34). O termo compreensão, sugere para Dilthey, “simpatia, capacidade de sentir aquilo que outra pessoa experimenta” (PALMER, 1969 135)

Dilthey propôs-se a pesquisar o problema que constitui a “consciência histórica” (BLEICHER,1980 14-15) e a procura da verdade “A consciência da nossa própria história e da da humanidade como um todo e uma condição indispensável a uma vida” (BLEICHER,1980 21) “Apenas nos reconhecemos como indivíduos através das relações com outros e apercebemo-nos das características que nos são específicas” (BLEICHER,1980 21)

Na concepção de Dilthey, “o ato de compreender estabelece a ligação com o eu espiritual do outro e o grau de entusiasmo com que nos lançamos nesta aventura depende da importância que o outro tem para nós” (BLEICHER,1980 22) Dilthey preocupa-se com o histórico-psicológico das condições em que agimos e pensamos, e a totalidade do eu empírico. No contexto da sua obra **A Crítica da Razão Histórica**, faz crítica à razão enquanto não mais vista à maneira de Kant razão pura, mas, concebida na temporalidade, na história.

Prosseguindo nessa linha de pensamento o filósofo Emilio Betti (1890-1969), mantém-se na tradição romântico-histórica. Apresenta sua teoria metodológica geral da interpretação que proporciona o conhecimento da possibilidade da compreensão objetiva. “A interpretação é um meio para alcançar a compreensão” (BLEICHER,1980 71), assim, considera a compreensão como o produto da interpretação objetiva. “Seu interesse é distinguir os diferentes modos de interpretação () e formular um corpo básico de princípios com os quais se interpretasse as ações do homem e os objetos” (PALMER,1969 64)

Segundo Betti, na aquisição do conhecimento, os objetos são determinados pela maneira como os compreendemos. Diz, “um objeto fala, e pode ser ouvido de um modo correto ou incorreto, precisamente porque nele há um significado objetivamente verificável” (PALMER, 1969: 65). Betti reconhece a autonomia essencial do objeto de interpretação e a possibilidade de uma objetividade histórica na construção de interpretações objetivamente válidas.

Para esse autor “a interpretação é necessariamente um reconhecimento e uma reconstrução do significado que o seu intérprete” (PALMER, 1969: 65) no uso da “criatividade individual dá forma a idéias válidas e significativas” (BLEICHER, 1980: 48), como apropriação de um sentido.

Uma das proposições de Betti estabelece a relação entre a linguagem e o discurso que se reflete na relação existente entre interpretação e compreensão. Assim, a compreensão básica acontece por intermédio da linguagem: o discurso falado ou escrito se dá no cotidiano e consiste na compreensão objetivamente válida. Compreender é sempre mais do que conhecer o sentido ou significado das palavras usadas no discurso – o ouvinte ou leitor tem de participar, na mesma *experiência vivida* que o falante ou o escritor, a fim de conseguir compreender não só as palavras utilizadas, mas partilhar a comunhão de pensamento que se lhe oferece. “A compreensão é canalizada para uma totalidade significativa e pressupõe um empenhamento total – intelectual, emocional, moral – por parte do intérprete” (BLEICHER, 1980: 51-52).

Na hermenêutica ontológica-existencial de Martin Heidegger (1889-1976) o interesse desloca-se da interpretação objetiva, de Betti, para uma análise ontológica, apoiada na construção existencial do ato de compreensão do sujeito. A compreensão significa, segundo Heidegger, um olhar compreensivo e com ele surge mais do que um mero conhecimento objetivo, é como se participássemos na coisa percebida. “Podemos ter um grande conhecimento e uma fraca compreensão, pois a compreensão parece chegar ao que é essencial. Compreender é o poder de captar as possibilidades que cada um tem de ser, no contexto do mundo vital em que cada um de nós existe” (PALMER, 1969: 135).

A orientação desta vertente difere da interpretação de Betti a respeito do conhecimento pessoal, principalmente, no fato de que agora tem-se em vista o acontecimento em que o intérprete se apercebe da sua dívida para com a tradição, passado-presente e da sua responsabilidade em relação ao futuro. Assim, o intérprete e o objeto estão ligados por um contexto de tradição, “o que implica a existência prévia de uma compreensão do seu objeto quando o aborda, sendo por isso, incapaz de começar com um espírito neutro” (BLEICHER, 1980: 15).

A designação de hermenêutica fenomenológica é significativa para a obra de Heidegger. Considera-se que são inúmeros os conceitos que Heidegger toma que podem ser referidos a Husserl, no entanto, coloca-se num contexto e ao serviço de um objetivo diferente. Heidegger repensa o próprio conceito de fenomenologia de modo que, a fenomenologia e o método fenomenológico adquirem um caráter radicalmente diferente (PALMER, 1969).

Dirá “a fenomenologia pode ser um meio de revelar o ser em toda a sua facticidade e historicidade” (PALMER,1969 132)

Assim, a fenomenologia hermenêutica de Heidegger desenvolve uma descrição teórica dos princípios sob os quais a interpretação ocorre “A interpretação é a determinação de possibilidades projetadas na compreensão” (BLEICHER,1980 143)

A obra de Heidegger **Ser e Tempo**, de 1927, é reconhecida como a chave para toda a compreensão adequada do seu pensamento (PALMER,1969) Desenvolve em sua exposição o tema que se centra na Vida e o conhecimento do próprio sujeito Levanta a questão de que precisamos saber quem é o sujeito interpretante, o ser da compreensão Argumenta que a Vida só é basicamente acessível no Dasein = Ser aí, com ser-da-humanidade, o qual, conduz à ciência da interpretação daquilo que é a hermenêutica “As condições para a possibilidade do conhecimento, a síntese **a priori**, é dada pelo Dasein na compreensão do ser” (BLEICHER,1980 140)

A compreensão reflete-se como sendo um existencial do Dasein “Como tal, ela não é um *quê*, mas o Ser enquanto existir () Em cada caso, o Dasein é aquilo que pode ser e no modo como é a sua possibilidade” (BLEICHER,1980 141-142)

“Por conseguinte, não é tanto um caso de aquisição de novos conhecimentos, mas antes *o mundo*, que foi já compreendido, vir a ser interpretado” (BLEICHER,1980 143) “O mundo é o campo onde a temporalidade e a historicidade do ser estão radicalmente presentes, é o lugar em que o ser se traduz em significação, em compreensão e interpretação” (PALMER,1969 138)

Heidegger descreve um conceito que revela seu entendimento da compreensão interpretativa. Esta é precedida pela *pré-compreensão*, que se dá no interior do movimento básico de concepção-prévia em que apreendemos algo antecipadamente, sendo essa a expressão da estrutura de antecipação da experiência humana. A compreensão assenta em algo que vemos previamente. “Quer isto dizer que algo que compreendemos é interpretado quer fazendo derivar dele os conceitos utilizados, quer impondo-nos à força às categorias já existentes, que não correspondem ao seu ser” (BLEICHER, 1980 144)

A contribuição de Heidegger à Teoria Hermenêutica supera toda posição hermenêutica tradicional e inaugura uma nova visão ao campo da linguagem e um novo tempo para a filosofia da linguagem. Toma a linguagem como meio para se caminhar da hermenêutica à ontologia. Em *Ser e Tempo* a linguagem na sua verdadeira essência, revela-se como a articulação essencial na compreensão situacional e histórica. Aquilo que pela linguagem se revela, especialmente no dizer, não é algo de humano mas sim o mundo, o próprio ser. Segundo esse mesmo autor não há ser sem linguagem nem pode haver linguagem sem ser.

Segundo Heidegger “() ao dizer pertence a capacidade de escuta, de modo que aquilo que tem que ser dito se possa mostrar, o dizer conserva aquilo que é ouvido. Nele, o ser mostra-se sob a forma de ocorrência” (PALMER, 1969 159)

O interesse de Heidegger pela linguagem, promove uma mudança incalculável para a teoria da compreensão. Constitui um deslocamento do tipo de análise até então realizada, focalizado, agora, no processo de diálogo entre texto e intérprete. Acentua-se, assim, a função hermenêutica do próprio texto.

Desse modo, “compreender torna-se uma questão não só de interrogar que pretende ser aberto e não dogmático, mas também de aprender a esperar e a encontrar um lugar a partir do qual o ser do texto se revele” (PALMER, 1969 159) O texto tem algo a dizer por si só

Ainda, pode-se dizer que

Em Heidegger, a hermenêutica aponta para o fato da compreensão enquanto tal, não por métodos históricos de interpretação que superam e contrariam os métodos científicos. A dicotomia histórico-científica de Dilthey é abandonada, sustentando-se a posição de que toda a compreensão se radica no caráter histórico da compreensão existencial, abre-se o caminho para a hermenêutica filosófica de Gadamer

(PALMER, 1969 165)

Pressupostos da interpretação já apontados por Schleiermacher, depois por Dilthey e Heidegger, são postos agora em evidência na hermenêutica filosófica de Hans Georg-Gadamer (1900-), sendo a direção da sua obra voltada para a questão da interpretação. Entende a compreensão (Verstehen) no sentido heideggeriano como estrutura do ser-no-mundo (In-der-Welt-Sein). Assim é um ato histórico e que como tal está sempre relacionada com o presente. No seu pensamento, existir historicamente significa que o conhecimento pessoal provém do que nos é dado previamente pela história. “Nem seria preciso dizer que toda compreensão, todo conhecer que se faz interpretação pré-supõe dados *epistemológicos* que precisam ser investigados e esclarecidos pela filosofia” (GADAMER, 1983 13)

Gadamer busca demonstrar no seu percurso que a compreensão insere-se sempre no âmbito histórico, dialético, linguístico – nas ciências, nas ciências humanas, na cozinha. A hermenêutica é uma ontologia para o ser-no-

mundo e é a fenomenologia da compreensão. Em **Verdade e Método** (1960), busca demonstrar nessa obra que a solução dialética, está na compreensão dimensionada pela história, enquanto a hermenêutica está dimensionada pela linguagem.

Assim, diz Gadamer “cabe à hermenêutica filosófica realçar o momento histórico, na compreensão do mundo e determinar a sua produtividade hermenêutica” (BLEICHER, 1980 150)

Por isso é que, Gadamer procura resgatar e descrever experiências vitais como, preconceito, tradição e autoridade, que questionam o ideal iluminista do conhecimento. Toda a interpretação é determinada pela tradição, como também, é a tradição que viabiliza o processo de compreensão. Procura clarificar as condições do mundo da compreensão, efetivamente, a relação dialógica entre texto e intérprete que resulta na *fusão de horizontes* (BLEICHER, 1980). O envolvimento do intérprete com uma tradição e o texto nesta forma de diálogo, envolve uma *fusão de horizontes*.

Gadamer afirma que toda a compreensão é *preconceituosa*, e é um atributo da razão, a qual, considera os *preconceitos* como escassos restos de uma mentalidade não esclarecida. Os preconceitos fazem obstáculos à plena autonomia da razão, limitando a criação de um conhecimento. “A idéia de Razão absoluta ignora o fato de a Razão só se poder afirmar em condições históricas” (BLEICHER, 1980 154)

Gadamer vê a essência da autoridade, “que se mantém através do consentimento daqueles por ela afetados tem de ser adquirida continuamente através do seu consentimento” (BLEICHER, 1980 154). A autoridade era vista pelo Iluminismo como sendo um elemento da razão, como obediência cega

Com Gadamer a autoridade passa a ser vista na relação de conhecimento, no encontro entre dois elementos, entre pessoas, assim, a autoridade não põe obstáculo à razão

Nessa exposição do pensamento de teóricos e pesquisadores da hermenêutica, cabe ressaltar a figura de Paul Ricoeur (1913-), com sua obra que fez e faz diferença na hermenêutica contemporânea. A hermenêutica de Ricoeur visa a uma articulação possível entre a interpretação dos símbolos¹⁰ e a reflexão filosófica¹¹. Percorrendo a hermenêutica fenomenológica de Ricoeur, seu estudo nos leva à hermenêutica do símbolo, principalmente, nas obras **Da Interpretação: Ensaio sobre Freud** (1977) e **O Conflito das Interpretações** (1978) e, através dela, a sua teoria da interpretação do texto. Ricoeur nos diz que a interpretação deve, pois, aplicar-se não a um caso particular de compreensão, a das expressões escritas da vida. Pensa a interpretação como uma relação dialética entre a explicação e a compreensão.

A articulação e a condensação de conceitos que Ricoeur faz entre as diversas correntes da hermenêutica e a fenomenologia, o estruturalismo e a psicanálise, conduz a uma nova formulação da explicação e da compreensão. De acordo com a hermenêutica ricoeuriana, a explicação encontra o seu campo de aplicação nas ciências naturais, explica-se no âmbito das proposições e significados. A compreensão encontra seu campo de aplicação nas ciências humanas, compreende-se como um todo a cadeia dos sentidos parciais num único ato de síntese. Ainda, diz Ricoeur, a compreensão e a explicação tendem a sobrepor-se e a transitar uma para a outra.

¹⁰ *Interpretação do símbolo* a interpretação simbólica considera os símbolos como material pre-filosófico que têm forte conteúdo não-racional. O símbolo é particular, não pode ter pretensão a universalidade. A interpretação dos símbolos não é uma ciência, por isso mesmo é contestável, revogável e alterável.

Segundo o pensamento de RICOEUR (1976), ele estabelece três pressupostos para o trabalho de compreensão de um texto 1º- construir um sentido verbal de um texto é construí-lo como um todo, em que o texto escrito supera a palavra falada e a intenção do autor Caracteriza o texto por sua natureza de *plurivocidade textual* Por conseguinte, para Ricoeur o texto abre a uma pluralidade de construções, o que toma a forma de um processo circular no sentido de que no reconhecimento das partes está implicada a pressuposição de uma espécie de todo E, reciprocamente, é construindo os pormenores que construímos o todo Isso parece estar de acordo com as condições do círculo hermenêutico de Schleiermacher 2º- construir um texto é construí-lo como um *ser*, quase um indivíduo enquanto totalidade singular Segundo Ricoeur “pode-se comparar o texto a um objeto que é possível ver a partir de vários lados, mas nunca de todos os lados ao mesmo tempo” (RICOEUR,1976 89) 3º- Tem-se que “os textos literários implicam horizontes de sentido que podem atualizar-se de diversos modos” (RICOEUR,1976 89) Para Ricoeur “a cultura contemporânea carece de interpretação e está constituída de falsidade Sua tarefa é primeiramente de superação da ilusão e de redescobrir e elucidar a autenticidade do sentido mediante um esforço hermenêutico” (FRANCO,1995 49-52)

¹¹ *Reflexão filosófica* esta ligada a uma extensa tradição de racionalidade Como ciência exige univocidade A filosofia não pode cultivar o equivoco

1.2 PONTOS BÁSICOS DA INVESTIGAÇÃO GADAMERIANA

A descrição da investigação hermenêutica é fundamental para dar continuidade ao meu procedimento hermenêutico de pesquisa desse modo, coloco estacas, luzes que delimitam, iluminam meu caminho nessa investigação. Do ponto de vista hermenêutico o caminho da investigação fundamenta-se na postura que a investigadora tem diante do texto.

Assim, remeto-me a autores que clarifiquem os procedimentos básicos para este tipo de investigação tomo a hermenêutica filosófica de Gadamer para compreender meu objeto de estudo.

Busco, desse modo, seguir as descrições de GADAMER (1983) na tarefa da compreensão hermenêutica, a qual implica o texto e aponta a atitude teórica frente à interpretação do texto, portanto, na produção da minha dissertação.

Como ponto central da tarefa hermenêutica, Gadamer, acentua um aspecto: o diálogo como modelo do compreender e do interpretar. Refere-se a relação que existe entre os enunciados do texto e a compreensão do autor, nesse caso, a minha própria compreensão do assunto. Gadamer coloca algumas questões básicas quando se trata da compreensão de enunciados. Onde começa meu esforço por compreender? É verdade que sigo minha livre

decisão, quando procuro investigar ou interpretar determinadas coisas?

GADAMER diz que

A resposta não pode ser que esse interesse se deve a que o texto em questão nos proporcione uma informação sobre algum fato. Ao contrário, temos que ir atrás desse fato para despertar nosso interesse por ele, ou tornamo-nos conscientes dele. Os fatos se encontram nos enunciados. Todos os enunciados são respostas (a pergunta é igualmente uma resposta) (). Sem uma tensão interna entre nossas expectativas de sentido e as concepções amplamente difundidas, e sem interesse crítico nas opiniões dominantes, não existiria qualquer pergunta.

(GADAMER, 1983 72-73)

Gadamer destaca que este esforço inicial não requer uma habilidade especial, pois faz parte da experiência cotidiana, do comportamento dos seres humanos, ou melhor, quando tenho que dar respostas a uma pergunta que não consigo entender corretamente, quando não sei o que o outro quer saber, tenho obviamente que procurar entender melhor o sentido da pergunta. Somente quando compreendo o sentido da pergunta posso começar a buscar uma resposta. Assim, Gadamer, sugere que em todo esforço de investigação hermenêutica é preciso tornar conscientes os pressupostos ocultos da pergunta. Dialogar, é então, um interrogar-se sobre a *coisa* para fazer emergir seus fundamentos verdadeiramente racionais. Tal consciência da situação significa tornar conscientes pressupostos pouco claros e implicações que se escondem na pergunta que é formulada, o aproximar-nos dos textos sempre é um perguntar por meio da interpretação e receber uma resposta pela compreensão é uma espécie de diálogo entre pergunta e resposta.

Segundo Gadamer, só terei alguma probabilidade de compreender os enunciados que me preocupam se reconheço neles minhas próprias perguntas, ou melhor, se inicialmente, me submeto ao texto, sem julgamento pessoal, para em seguida, vir a ter a compreensão do texto. A experiência hermenêutica gadameriana (1983) consiste em compreender por meio da *comunidade de diálogo*, ou *dialógica*. É o diálogo entre o intérprete (investigadora) e o texto (objeto da investigação) que permite a partir das perguntas do intérprete, deixar-se falar um texto mudo tornando-se familiar o que era estranho. Num diálogo, toma-se por fundamento a relação entre interlocutores, visando a superação entre intérprete-texto, vindo a constituir-se em dois horizontes de compreensão que se fundem. Nessa linha, tal experiência quando alcançada, significa uma compreensão que penetra como um novo experimento no todo de nossa própria experiência, envolvendo-nos, num processo de fusão de horizontes, conceito desenvolvido por Gadamer em **Verdade e Método** (1960).

Desse modo, no procedimento da investigação gadameriana (1983) admite-se, o caráter de infinitude da compreensão, precisamente porque contribui para ampliar e aprofundar de maneira especial a experiência do intérprete, nesse caso as minhas experiências humanas, meu auto-conhecimento e meu horizonte de compreensão do mundo pois, tudo o que a compreensão proporciona se torna proporcional a nós mesmos.

A minha disposição enquanto investigadora mantém-se no diálogo constante com o texto, entre quem compreende e o que é compreendido, num movimento circular, crescente, em espiral da compreensão, que é inesgotável e é sempre um risco. Tal compreensão está sempre aberta a novos sentidos,

como sugere a noção de círculo hermenêutico de Schleiermacher, numa espécie de progresso na compreensão desse mesmo sentido que tem de ser permanentemente renovado, pouco a pouco através das partes

CORETH (1973) afirma que quanto mais quer-se compreender uma totalidade concreta, como a de um outro homem ou uma obra literária do passado, contendo ou pressupondo um mundo completamente diverso de humanas relações, maneiras de proceder, formas de pensar e sentimentos, tanto mais a compreensão deve, na medida do possível, tentar esclarecer o fundo, a fim de conseguir o correto horizonte da compreensão. Isso significa um círculo hermenêutico no qual um elemento ao mesmo tempo possibilita e pressupõe o outro. Quanto mais elementos particulares são dados e quanto melhor forem compreendidos, tanto mais claramente se pode destacar a totalidade de seu fundo de sentido.

Outro ponto que rege a investigação hermenêutica, com respeito ao texto, é que o procedimento do compreender é em si um procedimento de linguagem, um procedimento de crescente familiarização entre a experiência determinada ou o texto e o intérprete (em mim e nós mesmos). Esse é o procedimento que realizo nessa investigação, um exercício chamado hermenêutico, de interpretação, no qual as minhas pré-compreensões do familiar, meus pressupostos, circulam a compreensão do universo não-familiar. Assim, EU interpreto, ampliando minha compreensão inicial, num movimento de interiorização pessoal e de contínua atualização.

Segundo BLEICHER

a finalidade da compreensão de um texto pode, conseqüentemente, deixar de ser o reconhecimento objetivo do sentido visado pelo autor, passando para o aparecimento do conhecimento praticamente relevante, em que o próprio sujeito muda pelo fato de se consciencializar das novas hipóteses de existência e da sua responsabilidade em relação ao seu próprio futuro

(BLEICHER, 1980 15)

Tem-se como princípio da ação hermenêutica que nenhuma interpretação está desprovida de intenção, das emoções que nos guiam durante a leitura do texto

E, finalmente, para Gadamer, um ponto essencial do processo hermenêutico é a consideração da linguagem, como meio em que se dá a experiência hermenêutica. A compreensão linguística reside então no fato de que as concepções de sentido são articuladas palavra por palavra da linguagem e, desse modo, tornam-se comunicativas. A palavra, por sua vez, vem a ser a expressão máxima do pensamento. Toda a interpretação baseia-se, assim, num caráter universal da linguagem como experiência humana própria. Em outras palavras, conhecer é compreender, compreender é interpretar e o interpretar só acontece na linguagem que é própria do falante.

1.3 OS CAMINHOS DA INTERPRETAÇÃO

Neste momento, explorando o território do conhecimento, pretendo descrever meu encontro com o campo do conhecimento. Ampliando, assim, minha compreensão sobre os pressupostos gadamerianos (1983), de que conhecer é interpretar e que não existe interpretação verdadeira, mas interpretações compreensíveis.

Parto da pré-compreensão de que a todo o momento o ser humano busca ter uma noção, informação, idéias claras em relação ao que se apresenta aos seus sentidos e à sua razão, bem como utiliza o seu conhecimento para compreender cada vez mais e melhor a realidade que o circunda. Dessa forma amplia os conhecimentos que já possui. Segundo AURELIO (1986), conhecimento

é o ato ou efeito de conhecer, idéia, noção, informação, notícia, ciência, prática da vida, experiência, discernimento, critério, apreciação, consciência de si mesmo. No sentido mais amplo, atributo geral que têm os seres vivos de reagir ativamente ao mundo circundante na medida da sua organização biológica e no sentido da sua sobrevivência, experiência. A posição, pelo pensamento, de um objeto como objeto, variando o grau de passividade ou de atividade que se admitam nessa posição. A apropriação do objeto pelo pensamento, como quer que se conceba essa apropriação, como percepção clara, apreensão completa, análise, etc.

(AURÉLIO, 1986)

O conhecimento está portanto, associado a uma variedade de significados, como pudemos constatar pelas inúmeras definições que têm sido propostas para ele. Numa breve retomada histórica, temos, que a necessidade de compreender o processo de conhecimento humano não é recente.

A teoria do conhecimento (epistemologia) propriamente dita tem início na Idade Moderna, no século XVII, com a Revolução Científica empreendida por Galileu e outros cientistas que criam um novo paradigma de investigação do mundo fenomenal e redefinem o papel das ciências particulares. Tais inovações despertaram nos filósofos a preocupação com os fundamentos, as possibilidades, os limites e o alcance do conhecimento humano e uma reserva contra os argumentos de autoridade que prevaleceram durante toda a Idade Média. Esse período também está marcado pelo início da Teoria Hermenêutica. Desde o começo a hermenêutica, foi um modelo aplicado a textos para serem interpretados e compreendidos. Na interpretação da hermenêutica clássica, era por assim dizer, um estilo instrumentalizado, pelo qual se desenvolviam determinadas regras e procedimentos, e essas regras e procedimentos, respeitados alguns tabus diante dos textos, levaram a conclusões determinadas.

Retomando a questão do conhecimento em 1964, Hessen, publica a **Teoria do Conhecimento**, em que procura discutir e aprofundar os fundamentos filosóficos relativos à teoria do conhecimento. Coloca o conhecimento como fenômeno peculiar da consciência que se apresenta no encontro entre o sujeito e o objeto que nele permanecem separados um do outro. O sujeito e o objeto não se esgotam no seu ser de um para o outro,

pois têm além disso um ser em si. No sujeito surge algo que contém as propriedades do objeto, surge uma *imagem* do objeto. O conhecimento pode definir-se como uma *determinação* do sujeito pelo objeto. Sendo que o determinado não é o sujeito puro e simplesmente, mas apenas a imagem do objeto nele. Essa imagem é distinta do objeto, encontra-se de certo modo entre o sujeito e o objeto, e constitui-se no instrumento pelo qual a consciência cognoscente apreende o seu objeto. O conhecimento, desse modo, apresenta três elementos principais: o sujeito, a imagem e o objeto.

Portanto, não é difícil perceber que o conhecimento, está marcado por um encontro que se estabelece entre o intérprete e o objeto, entre interlocutores, estando um deles em posição de objeto para o outro (sujeito) que conhece. O sujeito só é sujeito para um objeto e o objeto só é objeto para um sujeito. Este é um encontro que não se encontra, já que os elementos são distintos.

Pode-se entender assim que essa é uma atitude hermenêutica e que pressupõe uma tarefa de interpretação peculiar, criativa e interminável, do intérprete que se dirige para um objeto que elegeu. Há vários fatores que entram, no que chamamos o fato de conhecer ou buscar a verdade, pela natureza mesma do conhecer o qual, segundo Gadamer, é traduzido como interpretar.

Em 1987, Stein publica **Paradoxos da Racionalidade** e estuda os diferentes desdobramentos que sofre a hermenêutica com a ruptura do pensamento da época, influenciada por Lutero (1580) no mundo da religião, resultando em horizontes significativos para o exercício interpretativo. Desse modo prepara-se o caminho para o pensamento moderno, para o qual a

natureza física e o homem tornam-se o tema central. Há, então, uma descentração dogmática que se opera no homem desvinculado dos critérios da interpretação Bíblica, de uma instância de autoridade para o campo da subjetividade, em que o homem é lançado sobre si mesmo. É a livre interpretação da Bíblia, lugar do diálogo da subjetividade com a palavra.

Segundo RICOEUR (1977: 29) “não teríamos tido a idéia de chamar de interpretação os nomes, se não tivéssemos percebido seu alcance significativo”. Dizer algo de alguma coisa é, no sentido completo e forte do termo, *interpretar*.

GADAMER (1983: 67) ainda nos diz, que a “interpretação não quer dizer unicamente o esclarecimento do que um texto quer dizer na realidade: a interpretação se transforma na expressão do ir além dos fenômenos e dados manifestos”. Nessa linha, a interpretação se apresenta como um acontecer do qual se retira o significado e no qual estão inseridos o intérprete e o objeto da interpretação numa fusão de horizontes. Seguindo o pensamento gadameriano (1983: 71) “uma interpretação definitiva parece ser uma contradição em si mesma. A interpretação é algo que está sempre a caminho, que nunca conclui”.

Na hermenêutica, a atitude interpretativa compreensiva implica em uma interpretação na *situação hermenêutica*, que é entendida como a consciência de que o intérprete está vinculado ao seu objeto de investigação e que o desenvolvimento de suas análises depende da capacidade do reconhecimento dos procedimentos que utiliza e do comportamento do objeto sob investigação.

E CORETH (1973 69) afirma que “o fundamental dessa compreensão é a realidade, mas não como pura objetividade, e sim como totalidade abrangedora, na qual primeiramente se torna possível uma relação entre sujeito e objeto” Assim é que se abrem caminhos para a universalidade do processo hermenêutico, dentro dos horizontes que se fundem e evidenciam a totalidade do sentido Pode-se concluir, ainda com CORETH que

Interpretar enunciados particulares sem a consideração de sua origem e de seu fundo, ou seja, interpretá-los *ingenuamente* a partir de seus pressupostos imediatos, leva a mal-entendidos Mas querer apressadamente, sem partir com cuidado dos dados particulares, erguer fundos, formas de pensamento ou concepção do mundo não expressos, leva a construções arbitrárias, como é em grande parte usual na atualidade Os dois aspectos devem ir juntos e se condicionam mutuamente a visão do singular no todo, e a visão do todo a partir do singular Ambos formam, numa contínua interação, o processo circular, ou melhor, o processo em espiral, da compreensão

(CORETH,1973 79)

Tomando as considerações de Paul Ricoeur a respeito da interpretação do texto, ele considera relevante as descrições de Gadamer, no que se refere a autonomia do texto, quanto ao sentido de um texto estar na dialética da pergunta e da resposta Assim, Ricoeur parece extrair algo a mais das proposições gadamerianas e estabelece o paradigma de um texto em quatro momentos 1º- o sentido está representado na escrita de um texto, no qual o *dito* assume maior importância do que o ato da fala, 2º- o sentido do texto escapa, da intenção do autor ao escrevê-lo, 3º- o texto ultrapassa as referências do discurso falado, abrindo possíveis modos de ser, todo um novo *mundo* e o 4º- é o momento em que o texto pode alcançar um âmbito

universal, ou seja, autonomia do sentido de um texto ultrapassa o discurso falado

Em **Da Interpretação: Ensaio sobre Freud**, Ricoeur amplia a interpretação do texto

O que proponho não é uma interpretação em um único e mesmo nível, mas uma série de cortes em que cada leitura não somente é completada, mas corrigida pela seguinte. Encontraremos mesmo, entre a primeira e a última leituras, tal distância, que a interpretação inicial poderá aparecer como sendo renegada. No entanto, não é nada disso. Cada leitura é essencial e deve ser conservada.

(RICOEUR, 1977: 59)

1.4 A HERMENÊUTICA DO SÍMBOLO DE PAUL RICOEUR

Paul Ricoeur em seus estudos produz uma hermenêutica própria que se baseia numa experiência com o texto. O autor, entende o texto, como formação de um sistema de sinais semanticamente relacionados não com a realidade, mas como um produto da mente humana como um quase mundo. O texto fala, ele próprio e Ricoeur considera o conteúdo do texto como uma abertura a possíveis modos de ser. Ricoeur se concentra no sentido da experiência do texto presente ao invés de ir buscar o autor distante e perdido no passado. Pode-se dizer, que o objetivo da hermenêutica ricoeuriana é interpretar o ser, o próprio homem. De acordo com Ricoeur, o homem só se pode conhecer através das suas expressões de vida fixadas linguisticamente. Para esse autor, o ser humano pode ser interpretado por meio da linguagem. Assim, o estudo da linguagem também vai ocupar um lugar central na sua obra. A análise de RICOEUR (1977,1978) baseia-se na compreensão de que a linguagem participa e forma o mundo, é por meio da linguagem que o ser humano se expressa e revela o ser como é e aponta para o modo como o mundo se organiza. Ricoeur refere-se a uma região da linguagem que encarna significações múltiplas, na qual um sentido ao mesmo tempo se revela e se oculta num sentido imediato. A essa região de duplo sentido nomina *símbolo*¹²

¹² *Símbolo* para esta referência Ricoeur recorre a uma estrutura intencional, a estrutura do duplo sentido que se manifesta no movimento da interpretação

Segundo Ernst Cassirer, em **Filosofia das Formas Simbólicas** “símbolo é mediação universal, ou seja, dizemos o real significando-o. Nesse sentido, interpretamo-lo. A ruptura entre a significação e a coisa já se realiza com o nome, e essa distância marca o lugar da interpretação” (CASSIRER in RICOEUR, 1977 29)

Para a hermenêutica tal como é vista por Ricoeur a linguagem, sendo comunicada em diferentes contextos, torna-se polissêmica e ambígua. Ricoeur considera que toda linguagem, *ao dizer*, interpreta, sendo ao mesmo tempo interpretação da linguagem e daquele que fala sobre a linguagem. Desse modo, Ricoeur desenvolve uma hermenêutica que se estrutura no uso que a linguagem faz do símbolo e do mito. Todo o pensamento moderno torna-se pois, uma interpretação, sendo a questão principal a *ilusão* e não a verdade ou a mentira.

Para compreender a hermenêutica ricoeuriana do símbolo, algumas considerações de Ricoeur são importantes para o estabelecimento da *sua* hermenêutica. Primeiro, Ricoeur estabelece o conceito de símbolo, levando em consideração o processo simbólico registrado num campo mais amplo, ou seja, o da linguagem humana. Afirma, o autor, que a linguagem faz a ligação entre uma referência ideal sempre vislumbrada como uma referência ligada à experiência, sendo que, é na linguagem que se encontra seu propósito unificador.

Assim, o símbolo é entendido como uma expressão linguística polissêmica e é por meio da atividade interpretativa que o símbolo se inscreve, se revela e é decifrado. A teoria da linguagem contém o campo hermenêutico da dupla significação e cabe à hermenêutica decifrar o caráter

da duplicidade de sentido do símbolo. O símbolo na sua especificidade é um tipo especial de signo que contém uma dupla intenção na sua manifestação cultural. O símbolo tem uma manifestação de sentido primeiro, literal, imediato e, em seguida, uma manifestação de sentido simbólico. A pressuposição de Ricoeur, na duplicidade de sentido do símbolo, não diz respeito a uma falta, mas sim, à natureza do símbolo, em conter múltiplas interpretações e coerentes cada uma em si mesma.

Há para RICOEUR (1978) dois pólos da hermenêutica: um voltado para a emergência de símbolos novos, hermenêutica da consciência e, o outro, voltado para o ressurgimento dos símbolos arcaicos, denominado hermenêutica do inconsciente. A dualidade da hermenêutica manifesta uma dualidade correspondente aquela do próprio símbolo. Os mesmos símbolos possuem de certa forma dois vetores: de um lado, repetem nossa infância, são regressivos, como por exemplo os sonhos; de outro, exploram nossa vida adulta, são progressivos e constituem o discurso indireto de nossas mais radicais possibilidades, como por exemplo na obra de arte. Essas duas funções do símbolo constituem a sobredeterminação dos símbolos autênticos.

Essa abordagem de RICOEUR (1977) inclui a apresentação de três zonas de emergência do símbolo (pensamento simbólico): 1º- as manifestações do sagrado, nas confissões; 2º- as manifestações psíquicas nos sonhos, a respeito do que afirma RICOEUR (1977: 23): “o sonho exprime a arqueologia privada e desconhecida daquele que dorme, a qual por vezes cruza com a dos povos e só nos é acessível pelo relato do despertar. É esse relato, que o analista interpreta e é ele que o analista substitui por outro texto, que é a seus olhos, o pensamento do desejo, o que diria o desejo numa

prosopopéia sem constrangimento” É nessa segunda zona que se concentram meus estudos e interpretações, e finalmente Ricoeur apresenta a 3º- zona na qual estão as manifestações da imaginação poética

Ricoeur concebe a psicanálise como uma hermenêutica da cultura contemporânea. A psicanálise, segundo Ricoeur, se interessa por um inconsciente como um objeto cognoscível constituído em uma hermenêutica que o decifra, como método e como diálogo. O conceito de inconsciente de Ricoeur é pensado dentro dos limites do modelo Kantiano a partir da dialética entre um realismo empírico e um idealismo transcendental. Assim, é necessário relativizar o inconsciente, porquanto ele é relativo ao sistema de decifração. Do lado do realismo empírico está uma realidade que pode ser conhecida, mas só é cognoscível em seus representantes representativos, que são da ordem do significado, da fala (*parole*). A este realismo empírico corresponde um idealismo transcendental, que significa que a realidade do inconsciente só existe como realidade diagnosticada. Dessa maneira, o inconsciente só pode ser definido a partir de suas relações com o sistema consciente, pré-consciente. A segunda relatividade é intersubjetiva, quer dizer que o inconsciente é essencialmente elaborado por um outro e se constitui diante a consciência-testemunha do analista. É ele que elabora o inconsciente sobre e para o paciente e só em um segundo momento, que retorna para o paciente as significações que elaborou. A terceira relatividade é subjetiva, trata-se da relatividade da própria pessoa do analista. O inconsciente é uma coisa (*Id*) e é claro ele não pensa. A elaboração do

inconsciente então é uma tarefa executada pela consciência e suas representações precisam ser interpretadas para serem compreendidas

PERCORRENDO A PSICANÁLISE LACANIANA

2.1 ALGUNS ASPECTOS DO PENSAMENTO PSICANALÍTICO

O nome Sigmund Freud e a psicanálise são reconhecidos em todo o mundo. O termo psicanálise pode ser empregado para se referir a uma teoria, a um método de investigação dos processos psíquicos ou a uma prática de tratamento. É importante destacar o impacto da descoberta freudiana à trajetória que a psicanálise desenvolve até os nossos dias, uma vez que o discurso freudiano revoluciona o pensamento científico do século XIX. É ele quem formula uma nova concepção para o funcionamento do aparelho psíquico e do sujeito, a do *inconsciente psicanalítico*. Dessa maneira, o que se dá é que o sujeito se revela, fundamentalmente dividido em dois registros: o consciente e o inconsciente.

A abordagem do pensamento psicanalítico mostra-se como um novo modo de compreender a vida mental do homem, articulando os conceitos da teoria psicanalítica à experiência clínica. No entendimento de Sigmund Freud, os seres humanos se encontram em situações históricas particulares, sujeitos às circunstâncias de um modo particular de existência e atrelados a uma linguagem. BIRMAN (1994: 25), referindo-se a este entendimento afirma que “o psiquismo freudiano é um psiquismo que fala, inserido num *circuito de interlocução*”. Freud elabora e publica uma extensa obra, durante sua vida, relatando as descobertas e formulando leis sobre a estrutura e o funcionamento da vida psíquica humana. A respeito de suas pesquisas,

POMMIER (1992 132) diz o seguinte “a descoberta freudiana, colocando em primeiro plano no seu estudo os determinismos ignorados pelo sujeito, descentra a noção clássica de consciência e certeza, ou pelo menos a positividade que lhe era até então ligada”

A novidade da perspectiva teórico-clínica freudiana desloca, assim, o ponto focal do paradigma clássico do sujeito centrado na consciência para um sujeito fundado na linguagem e na história e, também, coloca em destaque as formações do inconsciente em todas as manifestações psíquicas BIRMAN (1994 34) confirma tal perspectiva dizendo “o discurso freudiano esboçou a sua concepção de sujeito fundado nos registros da significação e da história”

As pesquisas de Sigmund Freud deram lugar a uma nova perspectiva distinta da psiquiatria, com a abertura do campo da psicanálise. Nascido em 1856, em Freiberg, na Morávia, Freud falece em Londres, em 1939. Gradua-se em Medicina na Universidade de Viena, em 1881, e especializa-se em psiquiatria. Durante algum tempo trabalha no laboratório do Instituto de Fisiologia, onde ministra aulas de neuropatologia e desenvolve pesquisas na área da neurofisiologia. Obtém, ao final da residência médica, uma bolsa de estudos para Paris, no período de 1885 a 1886, onde trabalha em Salpêtrière com Jean M. Charcot, psiquiatra francês, que trata das histerias com tratamento hipnótico. Em 1886, Freud retorna a Viena e começa a utilizar a eletroterapia, a hipnose e a sugestão, para o tratamento dos distúrbios nervosos.

Em Viena, o contato de Freud com Josef Breuer, médico e cientista, também é importante para a continuidade de suas investigações. Breuer denomina de método catártico ao tratamento que possibilita a liberação de

afetos e de reações emotivas ligadas a acontecimentos traumáticos que não podem ser expressos na ocasião da vivência desagradável ou dolorosa. Esta liberação de afetos leva à eliminação dos sintomas.

Freud, em sua Autobiografia, afirma que desde o início de sua prática clínica usara a hipnose, não só com objetivos de sugestão, mas também para obter a história da origem dos sintomas. A obra de Freud é marcada por seu desejo de saber a origem do sofrimento do analisando. Posteriormente, passa a utilizar no tratamento o método catártico e, aos poucos, modifica a técnica de Breuer. Abandona a hipnose devido a recusa de muitos analisandos a serem hipnotizados. Assim, desenvolve a técnica de concentração, na qual a rememoração sistemática realiza-se pelo que se pode chamar de discurso comum.

Sigmund Freud produz a psicanálise em várias etapas. Em 1910, Freud funda a Sociedade Internacional de Psicanálise. Ao abandonar as perguntas que direcionam a sessão, passa ao procedimento de confiar por completo à fala desordenada do analisando, inaugurando a técnica das *associações livres*. Ao abandonar as perguntas, no trabalho terapêutico com os analisandos, deixando-os livres no curso de suas idéias, observa que fazer desaparecer da consciência, uma idéia ou representação insuportável e dolorosa, é o que está na origem do sintoma do analisando. A originalidade de Freud está em que tais conteúdos psíquicos localizam-se no *inconsciente*.

Pois bem, o sistema inconsciente freudiano pode ser expresso como o conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência. É constituído por conteúdos reprimidos, que não têm acesso aos sistemas pré-conscientes e conscientes, pela ação do recalçamento. Alguns elementos

recalcados apresentam-se como atos inesperados na consciência sob a forma enigmática, as formações do inconsciente, como sonhos, atos falhos, lapsos e esquecimentos, ultrapassam as intenções e o saber consciente do sujeito. O inconsciente é um sistema do aparelho psíquico regido por leis próprias de funcionamento. As representações inconscientes não respeitam os limites da racionalidade da consciência, da realidade ou da temporalidade, manifestam-se no sujeito sem que se saiba naquele momento. Considera Freud, que o sujeito está imerso no mundo dos outros, por meio da linguagem. Dessa maneira, o psiquismo do sujeito manifesta-se também no psiquismo do outro com quem se relaciona, tendo-o como seu ponto de referência. A esse respeito considera BIRMAN (1994: 25), “o intérprete (), o sujeito procura no outro o reconhecimento de seus desejos e de suas demandas, de forma que sem o outro o sujeito simplesmente não se constituiria como tal”

Freud, a partir de suas investigações, na prática clínica sobre as causas e funcionamento das neuroses, descobre que a grande maioria de pensamentos e desejos¹³ reprimidos referem-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida do sujeito. Tem-se desse modo que a posição freudiana está centrada na teoria do núcleo patogênico do psiquismo constituído na infância. Assim, é postulada a existência da sexualidade infantil e do complexo de Édipo como conteúdos fundamentais da psicanálise.

A função primordial da clínica psicanalítica é então, buscar a origem do sintoma, ou do comportamento manifesto, por meio da associação livre que visa facilitar a verbalização dos conteúdos inconscientes.

¹³ Campo do *desejo* implica numa experiência de satisfação fisiológica visada pelo sujeito e de sua representação inconsciente no campo da palavra.

inacessíveis para o sujeito com o objetivo de cura. Esse método atinge seus objetivos pela decifração, pela interpretação das formações do inconsciente que se faz a partir da descoberta do sentido oculto e que depende das associações produzidas pelo analisando podendo dessa maneira adquirir um novo sentido, quando posteriormente organizadas e reinscritas no psiquismo. Em cada um desses caminhos de acesso ao inconsciente é a história pessoal que conta. Cada palavra, cada símbolo tem um significado¹⁴ particular para cada sujeito. Segundo NASIO (1995: 13) “de fato, a experiência sempre singular de cada tratamento analítico obriga o psicanalista que nele se engaja a repensar, em cada situação, a teoria que justifica sua prática”.

Finalmente, Jacques-Marie Lacan, médico e psicanalista francês. Nasceu em Paris no ano de 1901 e faleceu em 1981. Lacan, depois de Freud, foi o autor que impôs outro olhar, outro ritmo ao movimento psicanalítico, introduzindo novos conceitos como os três registros: o imaginário, o simbólico e o real, a relação da linguagem com o inconsciente, os quais adquiriram o estatuto de um novo paradigma para a psicanálise contemporânea. Lacan toma a psicanálise centrada no campo da linguagem. No seu ensino da psicanálise, Lacan insistia na importância fundamental do lugar da palavra e da linguagem na psicanálise lacaniana, sob esse ponto de vista. Lacan atribui a relação do sujeito ao significante¹⁵. O termo significante foi retirado da linguística de Saussure, mas o conceito saussureano do significante é modificado pelo Lacan. A psicanálise

¹⁴ *Significado* entendido aqui pelo viés psicanalítico lacaniano pode ser expresso como o produto de uma operação, que se realiza na articulação com as palavras, numa frase decorrentes da cadeia significante.

¹⁵ *Significante* no sentido psicanalítico lacaniano é o elemento do discurso que enquanto representação inconsciente do sujeito funciona em diversos registros e assume valores diferentes em função de sua história, de seu contexto, dos campos semânticos nos quais se origina e também em função das analogias e derivações relacionadas com aquilo que constitui sua vertente fonética.

lacaniana permite afirmar a posição primordial e a autonomia do significante em relação ao significado, estando esse dois campos separados por um corte que resiste à significação. O significante assume uma função diferente da de significar, passa ele a representar e determinar o sujeito. Esse lugar é dado pelo fato de que aquilo que representa é precisamente o significante, isto é, uma sequência acústica que pode assumir diferentes sentidos. Assim, com Lacan verifica-se a importância que a linguagem possui para o ser humano, antes de qualquer intenção de significar, o que se vê em Lacan é a sistematização sobre o conceito do significante.

2.2 NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA

Para compreender o tema da interpretação, na prática psicanalítica, convém abordar o percurso teórico de Freud. O discurso freudiano desenvolve e sistematiza a questão de como é possível o registro do corpo articular-se ao registro do sujeito, os conceitos de pulsão e de corpo erógeno são construídos com essa intenção. Segundo BIRMAN:

a pulsão é definida como *exigência de trabalho* imposta pelo psiquismo em função da articulação do registro psíquico ao registro corporal (). A pulsão constrói o seu circuito de satisfação pela mediação do corpo do outro que, como instância simbólica, permite a inscrição da força pulsional num sistema de nomeação e de interpretação.

(BIRMAN, 1994: 35)

Na proposta freudiana, os atos humanos têm uma realidade manifesta representada no seu comportamento, nas suas palavras, e significados latentes que podem ser decifrados e interpretados. Assim, é que uma das direções da prática psicanalítica é a interpretação, como forma de investigação analítica, a qual, sofreu inúmeros desdobramentos ao longo do movimento psicanalítico. Diversificaram-se as formas de interpretar, no cenário da psicanálise.

A questão da interpretação, segundo BIRMAN (1994) já é destacada por Freud em sua obra **O Projeto de uma Psicologia**, em 1895, quando afirma sobre a exigência fundamental da interpretação pelo Outro¹⁶ para a constituição do sujeito. Desse modo diz que a criança é inserida no campo simbólico, campo da linguagem, mediante sua relação com o Outro, que ocupa a posição de intérprete. A criança confunde-se com o Outro. O Outro que diz quem ela é. A criança aliena-se nesta imagem para existir enquanto ser humano que é marcado pela palavra, pela representação num processo de constituição subjetiva do sujeito.

No curso do seu trabalho, Freud descobre que os sonhos do paciente podem ser uma rica fonte de material significativo. Esse estudo culmina com a publicação da obra **A Interpretação dos Sonhos**, em 1900. Nele a concepção de interpretação passa a ser tomada como fundamento na investigação analítica e distingue-se da interpretação intuitiva dos sonhos, tal como se praticava antes de Freud. O sonho obtido através da narrativa do sonhador é o texto a ser interpretado, advertindo todavia o autor, que o sonho não é imediatamente acessível nem ao sonhador nem ao intérprete. O seu sentido prende-se a elementos que funcionam como peças de uma engrenagem. Esta obra é capital para a prática psicanalítica, conforme O MANONI afirma:

a análise dos sonhos se tornaria a via régia do inconsciente () tem vários sentidos: ou é o melhor meio para chegar ao conhecimento dos pensamentos inconscientes de um paciente, ou melhor meio de chegar a um conhecimento teórico do inconsciente, ou ainda o

¹⁶ *Outro* para a psicanálise lacaniana marca o lugar da exterioridade do sujeito e a sua diferença. A Lei. A cultura. O Outro se situa como lugar de autoridade: aquele que detém as chaves de todas as significações inacessíveis ao sujeito. Desse modo, o Outro é entendido como lugar do significante, lugar do sujeito suposto saber, assim confere à palavra seu alcance simbólico.

melhor caminho para levar os leitores a admitir a existência do inconsciente

(O MANONI, 1994 71)

A palavra interpretação, entretanto, existe desde muito antes de Freud. O ato de interpretar um texto, de decifrar enigmas, o exercício interpretativo das escrituras, é sem dúvida, um exercício da antiguidade clássica. Em FONTOURA (1995 11) encontra-se que “a interpretação dos signos é tão antiga quanto a civilização e foi praticada desde a antiguidade, tanto referida à predição do futuro, como ao comentário de um texto obscuro”

A mesma autora considera que a hermenêutica quando surge no período do Renascimento e particularmente com a Reforma Cristã, em 1580 com Lutero, trouxe contribuições importantes para o modo de compreender a interpretação, também, na psicanálise. A filosofia medieval que se caracterizava por ser religiosa, dogmática e fundamentada no princípio da autoridade, é marcada por uma profunda revolução, para a qual o homem torna-se o tema central. Observa-se então que ocorre o fortalecimento da ideia de interpretação com a participação do intérprete implicado no texto.

Relativamente à interpretação destaca JERUSALINSKI (1997) ser ela importante tanto do ponto de vista individual quanto do ponto de vista social. E ainda, que a interpretação que realiza o sujeito depende da posição subjetiva que ocupa na linguagem, no discurso social.

Explorando algumas indicações de JERUSALINSKI (1997) a respeito das implicações da interpretação, verifica-se a existência de um ponto comum entre as diferentes interpretações, na produção de sentido, por suporem elas um sistema de representações. Justifica o autor, tal colocação

sublinho a palavra sistema, porque ao não se supor um sistema, não haveria como decifrar. E a palavra representação, porque se fosse a coisa mesma que estivesse no enunciado do texto a ser interpretado, não haveria nada a interpretar. Supõe-se um texto então que não tem relação direta com a coisa. Dito de outra maneira, coloca-se um texto na posição de meta-texto. Há um texto outro, cujo confronto com o atual é o que permite o deciframento. A posição interpretativa clássica supõe como meta-texto o texto a ser interpretado.

(JERUSALINSKI, 1997: 6)

Nessa perspectiva, a interpretação é um exercício contínuo e interminável, que assegura ao texto sua renovabilidade a cada leitura. Dialogar com um texto é aproximá-lo às nossas questões, atualizando-se naquilo que a nossa prática nos conduz a partir da representação, que nunca pára, qual seja, a do registro *inconsciente*. FILLOUX quando trata da psicanálise e a educação atual coloca que

a análise (saber ou prática) é antes de tudo interpretação, isto é, leitura e decodificação. Tratar-se-á então – seja de *utilizar* o Saber analítico (teoria corpus) para uma exploração do campo da educação redundando na produção de um conjunto de novos conhecimentos sobre o citado campo, seja de tomar em face deste campo, enquanto

pesquisador *analista*, uma atitude interpretativa redundando também num saber sobre em que ponto está a educação

(FILLOUX,1986 12)

Finalmente, cabe destacar a especificidade da interpretação psicanalítica apontada por FONTOURA

a interpretação analítica () não está referida à compreensão, à uma aquisição do saber mas a uma suspensão cujo equívoco desmascara a causa do desejo Poderíamos, talvez, situa-la na confluência entre o Simbólico como lei ordenadora da cultura, subjetivando o animal humano ao separá-lo da natureza e a *língua* como o modo no qual cada um está tomado pela linguagem, isto é, pelo dizer do Outro

(FONTOURA,1995 1)

Por este viés tem-se que a interpretação busca levar o sujeito a reconhecer-se desejante Após dialogar com alguns textos, expresso meu modo de compreender a interpretação psicanalítica Entendida enquanto ato interpretativo do analista, a intervenção interpretativa aponta ao significante, promovendo a suspensão do *sujeito do inconsciente*, portanto, dirigindo-se ao desejo O EU do analisando visa o sentido, a compreensão, a interpretação, o saber, enfim, o conhecimento sobre o que foi dito pelo analista Desse modo, articulam-se o consciente e o inconsciente do analisando Quando falo, *acredito, creio* que é ao EU do outro a que me dirijo, no entanto, é o seu inconsciente que atinjo, e é o EU quem responde, mesmo que marcado e submetido ao inconsciente Apoio essa construção a referência de POMMIER (1992 133)que diz “em outras palavras, a consciência só é possível graças ao inconsciente”

Com relação a interpretação subjetiva do sujeito constata-se ser ela imprescindível na relação social, estando marcada pela palavra, pelo simbólico e considerando que esta relação entre os homens é mediada pela linguagem. Não se pode deixar de atribuir significação aos objetos com os quais o homem se relaciona. O que a psicanálise afirma é que a pessoa atribui ao objeto um sentido que ele não tem, ou seja, o objeto (real) em si mesmo não tem sentido próprio e, quando se passa a atribuir-lhe algum, esse sentido passa a depender puramente da imaginação de quem o inventa, em outras palavras, depende do sujeito que atribui uma significação ao objeto, um sentido que o situa na relação com o objeto e também com o outro sujeito.

Assim, a maior parte das vezes, só o contexto permite a compreensão do sentido do texto e do significado das palavras que o constitui, ou melhor, só posso saber o sentido de uma palavra, em relação às outras palavras da frase. Assim, o sentido não se faz por si só, mas é uma resultante da articulação entre várias palavras, frases, parágrafos e textos.

A busca para compreender como funciona a atividade interpretativa da pessoa levou-me às contribuições dos campos da hermenêutica e da psicanálise lacaniana, porquanto, na hermenêutica a pessoa torna aquilo que é estranho, em algo conhecido deixando fluir em si, a interpretação compreensiva de que trata a hermenêutica filosófica de Gadamer, tendo em vista a necessidade da convivência social e sua inclusão ao discurso social. Além disso, para a psicanálise lacaniana a imaginação que a pessoa utiliza pertence ao campo da subjetividade, que é o campo, no qual o sujeito articula o registro do real (do objeto) e o registro do simbólico (linguagem) através do

registro do imaginário, o qual, imaginário, marca a sua posição subjetiva no discurso social, como se observa nas palavras do psicanalista BIRMAN

o psiquismo com que trabalha a psicanálise é o psiquismo de um sujeito concreto que fala para um outro de maneira constante e que tem no outro o seu pólo fundamental de referência. Então, como intérprete e como dispensado de objetos de satisfação pulsional, o sujeito procura no outro o reconhecimento de seus desejos e de suas demandas, de forma que sem o outro o sujeito simplesmente não se constituiria como tal.

(BIRMAN,1994 25)

O psicanalista, JERUSALINSKI, abordando as questões relativas ao encontro do sujeito com o objeto, lembra

que um objeto que se dá, como um pequeno brinquedo, pode não ser meramente um objeto. E pelo fato de qualquer objeto ser significativo para quem o recebe e significativo para quem o dá, um objeto pode não ser simplesmente o que é. Assim, uma bicicleta pode ser um *sonho*, como uma flor pode ser um gesto, tanto quanto um ursinho de pelúcia pode ser um companheiro de jogos, ou um computador pode ser uma promessa de sucesso. É claro que um objeto que se dá passa a ser *outra coisa* dependendo do que ele signifique para a pessoa que o recebe. O objeto recebido também depende, na sua significação, de quem o enviou. É nisto que se percebe que um objeto qualquer, para os humanos, sempre forma parte de uma ação social. O objeto, além de representar o outro (ordem do imaginário), e simbolizar a relação com o outro (sujeito), tem também uma condição real, ou seja, que nos encontramos com aquilo que nele é possível e com o que nele é impossível.

(JERUSALINSKI,1994 15)

Com essas considerações a respeito da abordagem psicanalítica sobre a interpretação e sobre o conhecimento, permito-me indicar algumas passagens da obra freudiana em que o autor, fala do conhecer a partir da

relação estabelecida entre a pulsão de saber e a sexualidade. Tomando a referência pulsional, Freud destaca como processo do conhecimento os momentos em que refere-se a *pulsão de dominação*, as *pulsões epistemológicas* e as *pulsões escopofílicas*.

No estudo sobre a psicanálise e as contribuições à educação, apresentado pela psicanalista KUPFER (1989), ao abordar o que fundamenta o desejo de saber do aluno a partir de uma perspectiva freudiana, a autora destaca a importância do que se pretende saber, por meio das seguintes perguntas: o que se busca quando se quer aprender algo?, o que está *para além* da aprendizagem, do conhecer? o que motiva a busca do conhecimento? Toma como exemplo, uma situação infantil em que a criança faz perguntas sobre o porquê das coisas incansavelmente, porquê existem dia e noite, porquê o sol e a chuva, porquê () e todo o resto, ao que Freud aponta a criança está na verdade buscando saber sobre a questão: porquê morremos.

Seguindo o percurso de KUPFER (1989: 79) “há, para Freud, um momento decisivo na vida do ser humano: o momento da descoberta da diferença sexual anatômica”, mais precisamente, na interpretação dada à *diferença* neste momento. A criança descobre diferenças que a angustiam. E essa angústia que a faz querer saber. Para Freud, a pulsão de saber infantil é *atraída* pelas investigações sexuais infantis. Essas investigações têm porém um só destino, são recalcadas e substituídas pelas investigações sobre os conhecimentos. Conforme classicamente se diz, a criança quer saber sobre a origem das coisas, de onde viemos e para onde vamos. Dessa formulação o que se espera é que parte da pulsão sexual seja sublimada em pulsão de saber.

Isso conduz KUPFER (1989 84) a dizer “para Freud, a mola propulsora do desenvolvimento intelectual é sexual” Assim, a busca do conhecimento emerge da sublimação da pulsão sexual

Examinando o texto de Freud (1910) **Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci** verifico a relação entre a pulsão sexual e a pulsão de saber, quando o autor analisando Da Vinci, afirma

convertera sua paixão em sede de conhecimento, entregava-se, então, a investigação com a persistência, constância e penetração que derivam da paixão e, ao atingir ao auge de seu trabalho intelectual, isto é, a aquisição do conhecimento, permitia que o afeto há muito reprimido viesse à tona e transbordasse livremente

(FREUD, 1910 69)

Procurando ampliar minha compreensão sobre os destinos e o funcionamento da pulsão sexual nos estudos de KUPFER (1989) sobre a sexualidade infantil e a educação, a autora, diz que Freud

revela que a pulsão sexual () é composta daquelas pulsões parciais, cuja ação se observa nas preliminares de qualquer ato sexual () tais pulsões parciais são vividas pela criança, cujo interesse pela questão genital () ainda não foi despertado Disto se deduz que essas pulsões parciais não têm ainda um objeto preciso ao qual se dirigir () portanto, de certo modo, a pulsão sexual é capaz de enveredar por caminhos socialmente úteis () a pulsão sexual é possível de se dirigir a outros fins que não os propriamente sexuais é passível de sublimação

(KUPFER, 1989 41-42)

Entendo, assim, que uma pulsão é dita sublimada quando deriva para um alvo não-sexual, por exemplo, para o conhecer

Ainda no texto freudiano de **Da Vinci** o autor considera um dos destinos da pulsão estar ligada ao desejo de saber, a maneira pela qual se opera a sublimação. Dessa maneira refere-se o autor

a observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria conseguiu orientar uma boa parte das forças resultantes da pulsão sexual para sua atividade profissional. A pulsão sexual presta-se bem a isso, já que é dotada de uma capacidade de sublimação () Constatamos a veracidade deste fato se ocorresse uma atrofia estranha durante a vida sexual da maturidade, como se uma parcela da atividade sexual houvesse sido agora substituída pela atividade do impulso dominante

(FREUD, 1910: 72)

Continuando a análise do texto freudiano de **Da Vinci** constato que “o adiamento do amor até o seu pleno conhecimento constitui um processo artificial que se transforma em uma substituição () Leonardo terá pesquisado em vez de amar () A investigação substitui a ação e também a criação” (FREUD, 1910: 70)

2.3 A LINGUAGEM NUMA PERSPECTIVA LACANIANA

Meu propósito, nesse momento é compreender o sentido do termo linguagem e alguns dos seus efeitos na interpretação do mundo pelo sujeito. Neste percurso, constato que é a partir da leitura realizada por Jacques Lacan sobre o percurso da psicanálise freudiana, nos anos cinquenta, que se delineia o campo psicanalítico pelo viés da linguagem e se amplia o método da interpretação analítica, conforme afirmação de BIRMAN (1994: 63) “a psicanálise foi definida como o campo da fala e da linguagem”

Em sua análise da obra freudiana, Lacan toma como fundamental para a compreensão da psicanálise a pressuposição de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. De modo especial, no seu livro *A Ética da Psicanálise*, de 1991, o autor procura acentuar a formulação do aparelho psíquico como aparelho de linguagem.

Deste modo o mundo das *Vorstellung* (representações) é desde então organizado segundo as possibilidades do significante enquanto tal. Desde então, no nível do inconsciente isso se organiza segundo leis que não são forçosamente, Freud o diz muito justamente, as leis da contradição, nem as da gramática, mas as leis da condensação e do deslocamento, as que chamo para vocês, das leis da metáfora e da metonímia.

(LACAN, 1991: 80)

Desse modo, é por meio da palavra que se realiza a atividade psíquica. A palavra diz do inconsciente do sujeito seja pela via falada, seja

pela via falhada das palavras, dos equívocos, dos atos falhos, dos chistes, das ausências ou das trocas de palavras. Assim, a psicanálise busca ser uma interpretação do psiquismo tendo como eixo de referência fundamental o campo da linguagem.

É interessante observar que, no princípio da vida do sujeito, antes que ele próprio domine e use as palavras, antes de falar, ele é falado pelo outro. Observa-se que o bebê já existe na palavra dos pais, naquilo que estes desejam para o filho, como por exemplo, na escolha do *nome* do filho. O nome próprio, o nome de família, é o que marca o sujeito e dá a sua existência simbólica. A partir daí, o sujeito existe porque os outros falam empregando o seu nome. Dessa maneira o sujeito está inscrito na cultura que lhe fornece uma marca de pertença à sociedade e que participa de uma família.

Desse procedimento observa-se a importância da linguagem que parece marcar o sujeito desde o nascimento, com uma avalanche de palavras que o envolve, falam dele, para ele e por ele. Tudo está pronto, há um mundo simbólico organizado: nomes, leis, regras, valores e crenças. Ao nascer, o bebê encontra-se aí mergulhado num meio coberto de significados, sob a forma do nome próprio torna-se sujeito dependente da linguagem e, mais ainda, serve de um discurso que o inscreve em certos lugares definidos pela palavra portadora de desejo. Segundo POMMIER

o inconsciente se abre sempre a alguém que fala () Quando a primeira palavra de uma frase é pronunciada, nada permite prever o que lhe vai ser associado () Com essa palavra, é o conjunto da língua que se oferece potencialmente. Com efeito, uma palavra

isolada pode ser associada a qualquer outra seu apelo vai despertar qualquer recordação () se nos apossarmos de algumas palavras para com elas definir algumas outras, a frase forma uma espécie de rede () pode ser percebido por cada um de nós na maior parte das conversas que escutamos

(POMMIER,1992 109)

Quando se é pequeno, criança, não se reconhece pelo seu nome, mas se é reconhecido por ele É nas palavras que a criança aprende a se reconhecer, a saber quem é A criança capta por meio da fala, dos adultos (outros), como deve desempenhar seu papel e é reconhecida por aquilo que o outro atribui a ela pelas palavras, pelos seus significados dessa maneira, aquilo que os outros falam dela, seus pais, seus professores, como por exemplo, Joãozinho, bonitinho, Maria, amorzinho da mamãe, bom aluno da professora, etc , é com o que ela se identifica para ser sujeito Em outras palavras, é desse modo que vai sendo construído, palavra por palavra, o inconsciente do sujeito Aí, encontra-se o campo da subjetividade que fala das marcas, das carícias, dos toques que recebeu o corpo físico e psíquico do sujeito

Isso permite a compreensão, que me parece importante sem palavras, como dizer que temos um EU? Posso assim argumentar que mesmo após a morte da pessoa, ela só existe nas palavras seu nome próprio, as palavras que disse e/ou escreveu

Todavia, por se achar nesta posição simbólica (linguagem) peculiar na infância ou mesmo na vida adulta, às vezes, pessoa pode deixar de usar as palavras para falar de si mesmo Pode utilizar outras expressões que se traduzem de formas diversas o corpo pode vir a adoecer, o comportamento

indisciplinado na escola, distúrbios de aprendizagem na leitura, na escrita e na fala. É dos discursos, oral e escrito do outro, que vêm os significados com que a criança terá que se haver na composição de seu texto escrito e oral. Para a psicanálise lacaniana as palavras representam as pessoas, as coisas, de maneira que, em alguns momentos a pessoa fica reduzida a elas. Enfim, depois que morremos e antes de nascermos, a pessoa é essencialmente palavra.

CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA E DA PSICANÁLISE

Nesse momento coloco em diálogo, tanto a perspectiva hermenêutica quanto a psicanalítica, preservo as especificidades dessas duas teorias e busco as contribuições e os pontos de aproximação entre elas. Inicialmente, o campo psicanalítico dirige sua investigação para o circuito da linguagem no funcionamento do aparelho psíquico do sujeito. Para a psicanálise lacaniana (1994: 25) “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” em que se privilegia as combinações, as representações subjetivas do sujeito, refere-se portanto, ao sujeito fundado na linguagem, assim, faz sentido compreender o sujeito, com o olhar voltado, para as representações do inconsciente pois, é como um sistema de escrita que deve ser pensado o conteúdo do inconsciente, as palavras permitem formar um número infinito de significações, próprias do sujeito.

A teoria psicanalítica apresenta como método investigativo a associação livre que é regida por princípios próprios e tem seu eixo de estratégia sobre o funcionamento do sujeito do inconsciente o qual, aponta para os efeitos da interpretação subjetiva sobre o campo relacional entre os sujeitos e, ainda, sobre a transferência e a identificação que são conceitos inseparáveis da experiência analítica como tática de interpretação. Pode-se pensar que a psicanálise não é um método de acordo com os pressupostos de demonstração da ciência moderna experimental, tão pouco como o da reflexão filosófica.

A psicanálise lacaniana descreve conceitos específicos ao seu campo teórico, sendo distintos dos da teoria hermenêutica que descreve seus conceitos derivados da filosofia. O discurso filosófico, mostra o sujeito da consciência, fundado na racionalidade.

Dessa maneira, a teoria hermenêutica apresenta a relação que se estabelece entre o campo do sujeito que conhece e o campo do objeto da realidade, sendo o objeto interpretado pelo sujeito a partir da linguagem do símbolo ricoeuriano que guarda um significado, um conteúdo, uma idéia a ser conhecida pelo sujeito, de modo que a linguagem na hermenêutica visa à totalidade do sentido, constituindo o pensamento consciente o qual, permite formar combinações de palavras e de significados interpretáveis pela reflexão da consciência. Essa abordagem hermenêutica compreendo que, possa ser encarada como um método segundo os princípios que regem a comunicação dialógica gadameriana, a linguagem do símbolo ricoeuriano e o círculo hermenêutico de Schleiermacher, esse entendido como um movimento espiral que se produz internamente no sujeito intérprete e que subjetivamente, tem efeitos sobre o seu EU, para o enriquecimento do horizonte de compreensão assim interferindo no processo do conhecimento. Movimento esse que nunca se fecha e nunca volta ao mesmo ponto, no constante movimento de *ir e vir* e a cada novo momento, nova significação.

Para compreender o inconsciente hermenêutico recorro à linguagem do símbolo de Paul Ricoeur. O autor descreve que a consciência deve descobrir que vive em *ilusão*, descobrir que ela não dispõe de si mesma. Ricoeur entende que a consciência é movida por motivações diversas, ou seja, inconscientes e que o psiquismo se define pelo sentido inconsciente e não

necessariamente pela consciência. Assim, a hermenêutica ricoeuriana propõe elucidar o sentido, por meio da reflexão da consciência. Dessa maneira, para se ter acesso a totalidade do sentido, a consciência interpreta e compreende o significado das representações inconscientes.

Constato assim duas vertentes de compreensão sobre o conceito do inconsciente. A hermenêutica do símbolo ricoeuriano concorda com a psicanálise quando essa afirma que a linguagem esconde desejos secretos e inconscientes. Mas, Ricoeur questiona que a *linguagem* do inconsciente seja regida por leis linguísticas como afirma a psicanálise lacaniana e também desconsidera a singularidade do significante com sentido próprio para o sujeito.

O sujeito tomado pelo viés hermenêutico pode ser compreendido como aquele que lê, como uma projeção do EU, o mundo a partir das suas experiências relacionais, sendo portanto, auto-consciente, pensante e visando na interpretação a totalidade do sentido.

Na psicanálise lacaniana o sujeito do inconsciente é tomado no discurso significante, na escuta do desejo inconsciente, a qual privilegia a singularidade da interpretação subjetiva do sujeito. Essa visão psicanalítica do sujeito é inovadora e revolucionária, pois foi a partir da psicanálise que o aparelho psíquico passou a ser concebido essencialmente como dividido em dois registros, o do consciente e o do inconsciente, divisão essa constitutiva do sujeito e que movimenta o seu processo de pensar, de interpretar e de conhecer o mundo.

Baseada nos estudos tanto do referencial hermenêutico quanto do psicanalítico, concluo que essas teorias apresentam diferentes leituras do

sujeito, da interpretação, da linguagem e, rompem com as formulações do discurso científico vigente e destacam a importância a ser dada à atitude interpretativa do sujeito no processo do conhecimento

Na hermenêutica a interpretação de um texto enquanto expressão humana se dá, numa interação dialética, com o seu intérprete na busca do sentido e pressupõe um movimento dialógico de horizontes de compreensão. De tal forma que temos o intérprete com a pré-compreensão, sua tradição, história, cultura e o horizonte de significados do texto num processo de fusão de horizontes entre as expectativas de sentido do intérprete e o significado do texto.

É interessante lembrar o que diz a psicanálise lacaniana, acerca da interpretação subjetiva do sujeito. Essa teoria afirma que é imprescindível para a constituição do sujeito a interpretação que lhe fornece o Outro pois, é o Outro que inicialmente diz quem é o sujeito. Essa posição de intérprete do Outro sobre o sujeito, ou seja, daquele que diz quem é o sujeito, inscreve a representação subjetiva do sujeito. E a essa inscrição subjetiva sempre se remeterá o sujeito quando encontrar o Outro, nas relações interpessoais.

Finalmente, com esse suporte teórico proponho uma aproximação à relação professor/aluno, os quais participam no processo do conhecimento com horizontes significativos de compreensão distintos o que lhes permite interpretar e imputar significados também distintos e que nesse movimento de busca de compreensão está implícito a subjetividade de ambos professor/aluno poucas vezes explícita mas, com certeza interferindo no conhecimento.

3.1 A LINGUAGEM COMO MEDIAÇÃO NA INTERPRETAÇÃO

Nesse ponto do meu estudo o que pretendo é apresentar a linguagem, tomada pelo viés da hermenêutica, bem como, pelo viés da psicanálise, como mediadora na interpretação que o sujeito realiza. Parto do fundamento de que a existência humana é simbólica de tal forma que levar em consideração a linguagem implica o sujeito (intérprete) num movimento para interpretar e construir conhecimento. Desse modo as situações humanas, são vivências realizadas num processo dialógico sendo sempre um fato de linguagem, em que os interlocutores, texto/intérprete, interpretam-se e constroem o conhecimento sobre a coisa a respeito da qual se fala.

Assim, a linguagem é tomada numa dimensão hermenêutica pela via do significado e do sentido. Na psicanálise lacaniana a linguagem é considerada pela via do significante, ou seja, a das representações inconscientes do sujeito. A linguagem enquanto reflexão hermenêutica sobre o significado (consciente) e a totalidade do sentido, parece ter na psicanálise uma dimensão que a transcende, qual seja, a da via significante (inconsciente).

Ao buscar compreender o problema hermenêutico da atitude interpretativa do sujeito pela mediação da linguagem num campo intersubjetivo e, seguindo o viés da hermenêutica do símbolo ricoeuriano,

compreendo que o autor responde ao enigma da linguagem dizendo que é pelo que nela há de significação que sempre ultrapassa o significante, e esse significante sempre engendra novas significações de modo que, entre significações e significantes nunca existe o outro, havendo o ultrapassamento que se dá pelo sentido e pela reflexão da consciência

Segundo o viés da psicanálise lacaniana nessa atitude interpretativa do sujeito é preciso, inicialmente, reconhecer que os discursos comuns e científicos são processos simbólicos que guardam os efeitos do inconsciente. Dessa maneira, subjacente à noção de interpretação está a concepção de sujeito como efeito da linguagem, de sujeito assujeitado, em decorrência da sobre-determinação das formações inconscientes. O que significa que o sujeito do conhecimento, senhor da linguagem e de si mesmo, é substituído pelo sujeito alienado pela linguagem (significante), com todas as consequências que isto traz para a interpretação desse próprio sujeito e do processo do conhecimento que ele realiza.

Ainda, para a psicanálise no que se refere ao funcionamento do aparelho psíquico, tem-se que o homem constrói conceitos abstratos como verdade, liberdade, certeza os quais não são considerados conhecimentos porque não são deduzíveis da experiência sensível, nem tão pouco demonstráveis pela ciência moderna experimental pois, não traduzem eles um conhecimento da realidade e sim, uma articulação significante para o homem lidar com a realidade. Desse modo, a realidade não se apresenta para o homem de maneira sistemática, a maior ou menor coerência da realidade depende das possibilidades que cada ser humano tenha de construir, em cada momento de

sua história a parcela de realidade de que se trate, assim é o sujeito quem constrói a realidade

Compreendo a partir dessas teorias que o ato interpretativo que o sujeito realiza é um acontecimento fundamental para o conhecimento. Nessa perspectiva, na inter-relação professor/aluno a linguagem do professor e do aluno mais especificamente, as articulações significantes do sujeito desafiam a capacidade de interpretação tanto a do professor quanto a do aluno. Concluo que essas teorias sugerem que o conhecimento possa ser construído mediante encontros entre texto/intérprete, dirigidos prioritariamente para a busca de significados e de significantes, pela imersão do intérprete em textos e dessa maneira essas teorias contribuem para propostas pedagógicas mais interativas, construtivas e criativas nas quais o professor possa colocar-se na posição de ensinar e a de aprender com o aluno.

Finalmente, buscar separar o sujeito do conhecimento do sujeito psíquico é uma tentativa possível, teoricamente, uma vez que na prática das relações educacionais o sujeito que se constrói psiquicamente *que significa* é o mesmo sujeito que conhece e que aprende, por mais que se tente separá-los, isso é impossível, porquanto tal separação acaba tornando-se um mero artifício.

Tão artificial seria a separação, que não se pode deixar de concluir com o que diz JERUSALINSKI (1997: 20) “as crianças nos devolvem incessantemente ao campo da interdisciplina, demonstrando-nos a insuficiência dos recortes de nossos respectivos campos. Somente um artifício poderia separá-los, pois, em seu ato, vão irremediavelmente juntos”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria, até aqui exposta, fez com que houvesse transformações no delineamento final da minha pesquisa. Como afirmei na introdução dessa investigação, os impasses da relação professor/aluno e os efeitos sobre o processo do conhecimento fizeram-me buscar a compreensão da dinâmica interpretativa do sujeito. O ponto central dessa reflexão voltou-se para a interpretação que o sujeito do inconsciente/da consciência realiza no processo do conhecimento em situação escolar.

Na minha primeira constatação vi a formação didático-pedagógica do professor dirigida para o uso de técnicas de ensino e não para o campo relacional professor/aluno. Dessa maneira, o olhar tecnicista compromete o campo relacional e tem efeitos na interpretação subjetiva do sujeito e no desenvolvimento do processo do conhecimento.

Ao defender uma posição de neutralidade o professor nega a intersubjetividade e impede que a sua emergência seja valorizada na relação professor/aluno. Após várias leituras, compreendo que a atenção às características subjetivas do professor e do aluno melhoraria o campo relacional entre eles, como fica exemplificada na teoria psicanalítica lacaniana, ao mostrar que a interpretação realizada pelo sujeito requer a intervenção do outro, pois o processo do conhecimento ocorre de maneira contextualizada e não no vazio.

A partir do exposto entendo que o trabalho do professor não possa ser reduzido a uma rotina, a uma mecânica de funcionamento, mas que supõe

envolvimento e compromisso com a educação do aluno, pois educar pressupõe transformar o indivíduo e ajudá-lo a desenvolver suas potencialidades

Outra consideração é que a concepção de sujeito tanto da teoria hermenêutica quanto da psicanálise é importante para a compreensão do ato interpretativo no processo do conhecimento. Nos estudos da hermenêutica o ato interpretativo não separa o texto do leitor, ou seja, texto/leitor mantém uma relação de interdependência em que o texto não existe sem que seja lido. Dessa maneira, se estabelece uma relação dialógica, em que texto e leitor têm intenções próprias e não se esgotam em si mesmos nesse campo relacional, para produzir interpretação e conhecimento. O leitor, segundo a hermenêutica, quando se apresenta frente ao texto para o ato interpretativo carrega consigo uma pré-compreensão, ou seja, sua história, cultura, tradição, que lhe fornece um horizonte de compreensão, de tal forma que o leitor vincula-se ao texto e transforma seu conhecimento ampliando seu horizonte de compreensão.

A teoria psicanalítica lacaniana por sua vez, diz que o sujeito que interpreta guarda em si representações inconscientes que significam a leitura que faz do texto, nesse encontro realiza-se então uma interação visando um acordo intersubjetivo. Assim, apresento a contribuição dessas teorias à uma teorização pedagógica, quando o professor e o aluno são tomados como texto e intérprete abre-se a condição de diálogo da qual a concepção de sujeito que se tenha pode interferir no processo do conhecimento em situação escolar.

Considerando o quadro teórico exposto, o professor não pode se separar da sua cultura, das suas vivências, do seu modo-de-ser, como pessoa, nas interpretações que realiza, ou melhor, este se apresenta para o diálogo com o aluno com “filtros interpretativos” (PEDRA,1993), por analogia o

aluno também se apresenta para a relação com o professor com “filtros interpretativos” que sem dúvida interferem no processo do conhecimento, pois é a atitude interpretativa um dos determinantes do conhecimento. A partir daí descobre-se a medida histórica do conhecimento: homem sobre si mesmo e sobre o mundo.

Seguindo a referência psicanalítica compreendo que essas considerações revelam-se no *estilo* do professor, o qual guarda as características do EU (consciente) e do sujeito do inconsciente que dirigirá o modo como ele interpreta o conhecimento, e dessa maneira o diálogo que estabelecerá com o aluno, favorecendo ou não ao aluno construir um conhecimento próprio.

Outra consideração é que o sujeito do inconsciente/da consciência está entremeadado na linguagem e que a função da linguagem, seja ela universal ou seja ela singular, é visar a comunicação e que ela também é equívoca. Assim, o que aparece como “falha” na comunicação professor/aluno é o lugar em que o inconsciente emerge, se interpõe nesta “fenda” para dizer de si e do desejo de saber do aluno. Dessa maneira, o processo do conhecimento do aluno está permeado de representações inconscientes.

Assim, produzir e apropriar-se do conhecimento significa colocar o professor e o aluno numa perspectiva de indagação, e é na consideração do campo da interpretação que o sujeito do inconsciente/da consciência pode ser visto e reconhecido como tal. O ensino não se resume a um repasse de informações, sob este ponto de vista, ensinar pressupõe aprender a aprender, professor e aluno participam do processo do conhecimento com responsabilidades divididas e se o professor favorecer que no campo

relacional eles troquem vivências, o aluno poderá apre(e)nder com maior qualidade e extrair conceitos próprios

Essas considerações visaram apontar os momentos de enlace dos pontos estudados e algumas contribuições da psicanálise e da hermenêutica para o campo da interpretação que poderão ser desenvolvidas e exploradas pelas propostas pedagógicas

A conclusão a que se chega é que o sujeito interpreta quando em relação com o mundo e com o outro. Assim, numa relação pedagógica professor/aluno se encontram e a interpretação não é unívoca, depende do horizonte compreensivo dos sujeitos e a educação pode auxiliar a conviver com essa diversidade de vozes interpretativas. Assim, é fundamental reexaminar a atividade da interpretação de textos, pois a compreensão dos textos se dá num contexto significativo para cada intérprete.

Essas contribuições teóricas podem ajudar o aluno a compreender e apreciar a riqueza da diversidade dos discursos e podem auxiliar aos professores a romper com os padrões de interpretação, pois não há a interpretação e o significado não é uma propriedade imutável, é sempre significado para quem o interpreta. O importante desse trabalho foi o diálogo e ele se deu na sua linguagem. Fica, agora, aberta nova condição de diálogo entre o texto e aqueles que o lerem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 APPLE, Michel W **Ideologia e currículo** São Paulo Brasiliense, 1982 127p
- 2 BERMAN, Louise M **Novas prioridades para o currículo** Porto Alegre Globo, 1979 24 p
- 3 BICUDO, Maria Ap , Espósito, Vitória (org) **A pesquisa qualitativa em educação um enfoque fenomenológico** Piracicaba UNIMEP, 1997 231p
- 4 BIRMAN, Joel **Psicanálise, Ciência e Cultura**, Rio de Janeiro Zahar, 1994 203p
- 5 BLEICHER, Josef **Hermenêutica contemporânea**, Lisboa Edições 70, 1992 383p
- 6 BRUYNE, Paul de **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais, os pólos da prática metodológica** Rio de Janeiro F Alves, 1991 252p
- 7 CHAUI, Marilena **Convite à Filosofia** São Paulo Ática, 1997 440p
- 8 CHEMAMA, Roland **Dicionário de Psicanálise** Porto Alegre Artes Médicas, 1995 240p
- 9 CORETH, Emerich **Questões fundamentais de hermenêutica** São Paulo EPU, 1973, 200p
- 10 CORDIÉ, Anny **Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar** Porto Alegre Artes Médicas, 1996 214p
- 11 DAVIS, Cláudia **Psicologia na educação** Cláudia Davis & Zilma de Oliveira São Paulo Cortez, 1994 123p
- 12 DUARTE, Rosa Maria P **Superdotados e psicomotricidade** Petrópolis Vozes, 1992 189p
- 13 EISNER, Elliot **Processos cognitivos y curriculum** Barcelona Martinez Roca, 1994 27
- 14 FONTOURA, Lucy Linhares da **Interpretação da decifração do sentido à suspensão do significante (texto)** **Boletim de Novidades**. Junho Livraria Pulsional Porto Alegre Escuta, 1995 11-17p
- 15 FILLOUX, Jean Claude **Psicanálise e educação pontos de referência** In **Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com Problemas** Ano II n 2, segundo semestre de 1997 167p USP

- 16 FRANCO, Sérgio de Gouvêa **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur** São Paulo Loyola, 1995 217p
- 17 FREUD, Sigmund Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud Rio de Janeiro Imago, 1969 a
- 18 FREUD, Sigmund A interpretação dos sonhos In **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud Rio de Janeiro Imago, 1969 b
- 19 FREUD, Sigmund Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci In **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud Rio de Janeiro Imago, 1969 c
- 20 FREUD, Sigmund Interesse científico da psicanálise In **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud Rio de Janeiro Imago, 1969 d
- 21 FREUD, Sigmund Algumas reflexões sobre psicologia do escolar In **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud Rio de Janeiro Imago, 1969 e
- 22 FREUD, Sigmund Conferência XXVII Transferência In **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud Rio de Janeiro Imago, 1969 f
- 23 FREUD, Sigmund Sobre o ensino da psicanálise nas universidades In **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud Rio de Janeiro Imago, 1969 g
- 24 FREUD, Sigmund Mal-estar na civilização In **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud Rio de Janeiro Imago, 1969 h
- 25 GADAMER, Hans-Georg Sobre el círculo de la comprensión (1959) In GADAMER, Shaun **Verdade y Metodo II** Salamanca Sígueme, 1992 63-70p
- 26 _____ **A razão na época da ciência** Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 1983 105p
- 27 GALLACHER, Shaun Círculos interpretativos e educacionais In GALLACHER, Shaun **Hermeneutics and education** New York SUNY Press, 1992 55-81p
- 28 GALLO, Sílvio **Saberes, transversalidades e poderes** Texto apresentado na 19ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1969
- 29 _____ **Conhecimento, transversalidade e currículo** Texto apresentado na 18ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1995

- 30 GARCIA, Joe **Metáforas quânticas para interpretar o currículo um desdobramento hermenêutico** Curitiba, 1995 Dissertação (Mestrado em Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná
- 31 GIBELLO, Bernard **A criança com distúrbios de inteligência** Porto Alegre Artes Médicas, 1986 172p
- 32 GIL, Antonio Carlos **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo Atlas, 1991, 159p
- 33 HESSEN, Johannes **Teoria do conhecimento** Coimbra Portugal Arménio Amado, Editor, Sucessor, 1964 200p
- 34 JERUSALINSKI, Alfredo **Apesar de você, amanhã há de ser outro dia Dialética da demanda e do desejo na educação** In CALLIGARIS, Contardo **Educa-se uma criança?** Porto Alegre Artes e Ofícios, 1994 267p
- 35 _____, **Revista Psicanálise e Educação** Correio APPOA n° 52 novembro Artes e Ofício P A
- 36 KELLY, Albert Victor **O currículo: teoria e prática** São Paulo Harbra, 1981 164p
- 37 KUHN, Thomas S **A estrutura das revoluções científicas** São Paulo Perspectiva, 1987 257p
- 38 KUPFER, Maria Cristina **Freud e a educação. O mestre do impossível** São Paulo Scipione, 1989 103p
- 39 LACAN, Jacques **Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da .psicanálise.** Rio de Janeiro Zahar, 1964 269p
- 40 _____, **Livro 7 A ética da psicanálise.** Rio de Janeiro Zahar, 1991 210p
- 41 LACOSTE, Jean **A filosofia no século XX.** Campinas Papirus, 1992 227p
- 42 LAPLANCHE, J Pontalis, J -B **Vocabulário da psicanálise** São Paulo Martins Fontes, 1967 707p
- 43 MANNONI, Octave **Freud: uma biografia ilustrada** Rio de Janeiro Zahar, 1994 190p MARTINS, Joel **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poeísis** São Paulo Cortez, 1992 142p
- 44 MILLOT, Catherine **Freud Antipedagogo** Rio de Janeiro Zahar, 1987, 162p
- 45 MOLLO, Suzane **Os mudos falam aos surdos** Lisboa Estampa, 1978

- 46 PALMER, Richard **Hermenêutica** Lisboa Edições 70, 1969 284p
- 47 PEDRA, José Alberto **Currículo e conhecimento** níveis de seleção do conteúdo *Em Aberto*, Brasília, ano 12, n ° 58, 30-44p , abr/jun 1993
- 48 PEDRA, José Alberto **Currículo conhecimento e suas representações** Tese 1993 UFPR
- 49 PEDRA, Nilcéia M^a de Siqueira **Paradigma curricular: estudo de possibilidades** Porto Alegre, 1977 Dissertação (Mestrado em Educação) Setor de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 77 p
- 50 PEDRA, Nilcéia, GARCIA, Joe **Precisões em torno da definição do currículo** Texto adaptado para o curso de Especialização de jovens e adultos de Mirtha Salomone e Oscar Salomone UNESC 1996 4p
- 51 PÉREZ, Carlos D **Si tuvieras el coraje de partir** Trabalho apresentado na Reunião LACANO-AMERICANA, Rio Grande do Sul, 1988
- 52 POMMIER, Gérard **A neurose infantil da psicanálise** Rio de Janeiro Zahar, 1992 195p
- 53 RICOEUR, Paul **O Conflito das interpretações** Ensaio de Hermenêutica Rio de Janeiro Imago, 1978 419p
- 54 _____ **Teoria da Interpretação** O discurso e o excesso de significação Lisboa Edições 70, 1976 109p
- 55 ----- **Da Interpretação: ensaio sobre Freud** Rio de Janeiro Imago, 1977 445p
- 56 STEIN, E Lutero e a hermenêutica In **Paradoxos da racionalidade** Caxias do Sul, Porto Alegre PYR, 1987 77-87p
- 57 SNYDERS, Georges **Feliz na Universidade** Rio de Janeiro, Paz e Terra 1995